

ANAIS

2017

1^o

Colóquio Latinoamericano
sobre Urbanização e
Patrimonialização

CIDADE DO MÉXICO, 23 A 25 DE MARÇO DE 2017



1º COLOQUIO LATINO AMERICANO DE URBANIZAÇÃO E PATRIMONIALIZAÇÃO

I er COLOQUIO LATINOAMERICANO URBANIZACIÓN Y PATRIMONIALIZACIÓN

Instituições parceiras:



Comité Organizador:

Dr. Everaldo Batista da Costa

Drª Ilia Alvarado Sizzo

Dr. José Omar Moncada Maya

Drª Amália Inés Geraiges de Lemos

Comité Organizador:

Dr. Everaldo Batista da Costa - Universidad de Brasília - UnB

Dr^a Iliá Alvarado Sizzo - Universidad Nacional Autónoma de México - UNAM

Dr. José Omar Moncada Maya - Universidad Nacional Autónoma de México - UNAM

Dr^a Amália Inés Geraiges de Lemos - Universidad de São Paulo - USP

1º COLOQUIO LATINO AMERICANO DE URBANIZAÇÃO E PATRIMONIALIZAÇÃO

**I er COLOQUIO LATINOAMERICANO
URBANIZACIÓN Y PATRIMONIALIZACIÓN**

Anais

23 a 25 de marzo de 2017



Instituto de Geografía-Universidad Nacional Autónoma de México

Cidade do México, MEX

2017

- 1- Dr. Everaldo Batista da Costa - Universidad de Brasília - UnB
2-Drª Ilia Alvarado Sizzo - Universidad Nacional Autónoma de México - UNAM
3-Dr. José Omar Moncada Maya-Universidad Nacional Autónoma de México - UNAM
4-Drª Amália Inés Geraiges de Lemos - Universidad de São Paulo - USP

Na qualidade de detentores dos direitos autorais patrimoniais do I Colóquio Latinoamericano Urbanização e Patrimonialização, realizado no Instituto de Geografía da Universidad Nacional Autónoma de México, autorizo o Repositório Institucional da Universidade de Brasília a disponibilizar, gratuitamente, os trabalhos de minha autoria publicados nos Anais do evento, conforme permissões assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da obra, a partir desta data.

Contato organizadores gerais:

Dr. Everaldo Batista da Costa
Drª Ilia Alvarado Sizzo
Dr. José Omar Moncada Maya
Drª Inés Geraiges de Lemos

Endereço eletrônico da obra no repositório UnB:
<http://repositorio.unb.br/handle/10482/22818>

Preparação do texto e normalização:
Bibliotecária Ms. Denise Bacellar Nunes CRB 1 nº/1957- Universidade de Brasília
Ms. Rubia Rúbio – Universidade de Brasília

Apoio:
Sistema de Bibliotecas da Universidade de Brasília
Diretor: Dr. Fernando Cesar de Lima Leite

Projeto Gráfico e Editoração:
Ms. Denise Bacellar Nunes – Universidade de Brasília
Ms. Rubia Rúbio – Universidade de Brasília

ISBN: 978-85-62810-04-6

I er Coloquio Latinoamericano sobre Urbanización y Patrimonialización - Instituto de Geografía-Universidad Nacional Autónoma de México - 23 a 25 de marzo de 2017: anais
Ficha elaborada pela bibliotecária Denise Bacellar Nunes CRB 1 – nº1957

C7191 **COLOQUIO LATINOAMERICANO SOBRE URBANIZACIÓN Y PATRIMONIALIZACIÓN** (1. : 2017: México).
I er Coloquio Latinoamericano sobre Urbanización y Patrimonialización: México 2017 : anais / Everaldo Batista Costa ... -et al., organização-. – México : Universidade Autonoma do México, Departamento de Geografia, 2017.
78p. : il.
1. Patrimônio Material. 2. Patrimônio Imaterial. 3. Território .
I. Universidade Autónoma do México
Cidade do México. II. Costa, Everaldo Batista de. III. Título.

CDU 711.4



UNIVERSIDADE DE BRASILIA

Reitora: Dr^a Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor: Dr. Enrique Huelva
Decano de Ensino de Pós-Graduação: Dr. Cláudio Henrique Soares Del Menezzi
Diretor do Departamento de Geografia: Dr. Rogério Uagoda
Diretor do Sistema de Bibliotecas da UnB: Dr. Fernando Cesar de Lima Leite
Organizador do Evento: Dr. Everaldo Batista da Costa



UNIVERSIDADE DO MÉXICO

Reitor: Dr Enrique Graue Wiecheres
Diretor da GEO: Dr. Manuel Suárez Latra
Organizador do Evento:
Dr^a Ilia Alvarado Sizzo
Dr. José Omar Moncada Maya



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Dr. Marco Antônio Zago
Vice-Reitor: Dr. Vahan Agopyan
Pro reitor de Pós-Graduação: Dr. Carlos Gilberto Carlotti Jr
Organizador do Evento: Dr^a Amália Inés Geraiges de Lemos

Sumário

1-PREFÁCIO	7
2-ACTO INAUGURAL	8
2.1 PALAVRAS DE BIENVENIDA	8
2.2- ACTO INAUGURAL: CONFERÊNCIAS	8
2.1.1 Por un proyecto académico desde la América Latina y para la América Latina.....	8
2.1.2 Parceria atual y futura Instituto de Geografía/Unam y Universidade de Brasília/UnB.	8
2.1.3 A Geografia em Brasília e a aproximação com a Geografia latino-americana.	8
3-MESAS REDONDAS	9
MESA 1 - APROPRIAÇÕES E USOS EM CENTROS HISTÓRICOS LATINO-AMERICANOS	9
MESA 2 – PATRIMONIO, ARQUEOLOGÍA Y TURISMO EM AMÉRICA LATINA.	12
MESA 3 - ATIVAÇÃO DO PATRIMÔNIO-TERRITORIAL NA AMÉRICA LATINA	17
MESA 4 – TURISMO EM ÁREAS URBANAS Y ÁREAS RURALES EM AMÉRICA LATINA.....	22
MESA 5 – PATRIMONIALIZACIÓN DE LA CULTURA Y DE LA NATURALEZA EM AMÉRICA LATINA.....	24
MESA 6 - PATRIMONIALIZAÇÃO DE PAISAGENS NA AMÉRICA LATINA	28
MESA 7 – CULTURA E NATUREZA FRENTE AO CAPITALISTA DO CAMPO NA AMÉRICA LATINA	31
MESA 8 - O CAPITALISMO E A PATRIMONIALIZAÇÃO DA VIDA NA AMÉRICA LATINA...35	
MESA 9 - PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL NA AMÉRICA LATINA.....	40
MESA 10: URBANIZAÇÃO E PATRIMÔNIO LATINO-AMERICANOS.....	45
4. CONFERÊNCIA DE CLAUSURA.....	52
5. CLAUSURA DEL COLÓQUIO	53
6-SALIDA DE CAMPO – CENTRO HISTÓRICO DE CIUDAD DE MÉXICO	54

1-PREFÁCIO

La patrimonialización global ha sido definida como un proceso y una generalización necesarios para comprender la resignificación de los sitios culturales y naturales, por medio de una lectura del hecho urbano que va más allá de la morfología de las ciudades o de los sitios con valor y funcionalidad patrimonial. Comprender las estrategias de la patrimonialización en las ciudades y en el medio rural demanda, entonces, considerar los diferentes matices de la urbanización capitalista; especialmente en América Latina con sus particularidades.

En esa línea, esta primera edición del Coloquio Latinoamericano sobre Urbanización y Patrimonialización tiene por objetivo reunir investigadores latinoamericanos interesados en la temática, para presentar sus investigaciones y participar en la discusión académica.

El Coloquio se llevará a cabo durante dos días -más un día de salida de campo-, con tres ejes temáticos para la presentación de las ponencias aprobadas: La urbanización y la patrimonialización en el contexto latinoamericano; El patrimonio cultural frente a las dinámicas capitalistas del campo en América Latina; Turismo y dinámicas territoriales en América Latina.

O I Colóquio Latinoamericano na temática da cidade, do campo e da patrimonialização faz parte de um projeto acadêmico que visa à integração de pesquisadores latinoamericanos dedicados ao assunto.

Na abertura do evento e em sua clausura, serão apresentadas as propostas presentes e futuras do Colóquio ou o projeto de sua continuidade, bem como o projeto da PatryTer: Revista Latinoamericana de Geografia e Humanidades, a ser sediada na Universidade de Brasília, Brasil e que contará com a participação efetiva dos pesquisadores participantes no Colóquio e da nova rede, especial e inicialmente: mexicanos, cubanos, peruanos e colombianos.

Dr. Everaldo Batista da Costa - Universidad de Brasília - UnB

Dr^a Ilia Alvarado Sizzo - Universidad Nacional Autónoma de México - UNAM

Dr. José Omar Moncada Maya - Universidad Nacional Autónoma de México - UNAM

Dr^a Amália Inés Geraiges de Lemos - Universidad de São Paulo - USP

2-ACTO INAUGURAL

2.1 PALAVRAS DE BIENVENIDA

Dr. Manuel Suárez Latra - Diretor del Instituto de Geografía/UNAM, México

Dr. José Omar Moncada Maya - Investigador del Instituto de Geografía/UNAM, México



2.2- ACTO INAUGURAL: CONFERÊNCIAS

2.1.1 Por un proyecto académico desde la América Latina y para la América Latina.

Dr. Everaldo Batista Costa - Investigador de la Universidade de Brasília/UnB, Brasil

2.1.2 Parceria atual y futura Instituto de Geografía/Unam y Universidade de Brasília/UnB.

Dr^a Iliá Alvarado Sizzo - Investigadora del Instituto de Geografía/UNAM, México

2.1.3 A Geografia em Brasília e a aproximação com a Geografia latino-americana.

Fernando Luiz Araújo Sobrinho - Jefe del Departamento de Geografía – Universidade de Brasília/UnB, Brasil

3-MESAS REDONDAS

Foram apresentadas 10 mesas temáticas, com 5 ou 6 apresentações em cada mesa. O tempo máximo para a apresentação de cada autor foi de 12 minutos. Ao final de cada mesa, houve abertura para um debate de 15 minutos.

Os trabalhos foram apresentados utilizando-se o software power-point, onde valorizou-se: a perspectiva teórica e metodológica adotadas no desenvolvimento da pesquisa, utilizando-se como recursos mapas e imagens, para o caso de trabalhos que configuram estudos de caso.

O formato das mesas foi pensado para que todas as apresentações ocorressem em um único auditório, reconhecendo a importância de que todos os pesquisadores presentes pudessem conhecer os trabalhos desenvolvidos em cada universidade e/ou país, em totalidade.

MESA 1 - APROPRIAÇÕES E USOS EM CENTROS HISTÓRICOS LATINO-AMERICANOS

Coordenador: Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho - Universidade de Brasília, Brasil



Lourdes Alejandrina Pérez Ayala - Universidad Nacional Autónoma de México, México - Peatonalización en centros históricos. Pensar antes que actuar.

Los espacios centrales de las ciudades presentan características que los hacen asentamientos humanos diferentes al resto de la ciudad. La acción pública a favor de estos lugares ha contribuido al reforzamiento de la identidad y de su especificidad, consistiendo esto, básicamente, en políticas de conservación y de mejora de la imagen urbana y reorganización de funciones centrales. Sin embargo existe un tema que está cobrando mayor fuerza en nuestras ciudades mexicanas, la peatonalización de los centros históricos. El presente texto abordará diferentes proyectos de peatonalización en áreas centrales con el objetivo de poner en la mesa la reflexión acerca de cómo estas iniciativas urbanas, emanadas desde la autoridad contribuyen a la transformación de

espacios, no sólo en un sentido físico sino también social. Se tomarán en cuenta los casos de Sevilla, Málaga, Bogotá, Cd. de México y la reciente propuesta hecha para la ciudad de Morelia. Ceder espacio al peatón implica grandes beneficios para la ciudad, pero también se han observado efectos negativos. Cuando se trata de conjuntos patrimoniales el tema está condicionado, a diferencia del resto de la ciudad, por aspectos funcionales, simbólicos, históricos y sociales. Debido a lo anterior, aparte de una política de movilidad la peatonalización en centros históricos debe contemplar otras que disminuyan los efectos perjudiciales que una acción así representa.

PALABRAS CLAVE: PATRIMONIO URBANO, PEATONALIZACIÓN, POLÍTICAS PÚBLICAS, MOVILIDAD, CENTRO HISTÓRICO.

Rosalina Burgos - Universidade Federal de São Carlos, Brasil - Vida cotidiana e uso do espaço público em centros históricos.

Os centros históricos se caracterizam como espaços geográficos complexos e densos de significados espaço-temporais para análise e compreensão do processo de urbanização e do fenômeno urbano. Com base nos fundamentos teóricos da *vida cotidiana*, postulados pela obra e pensamento de Henri Lefebvre, e dos estudos urbanos sob esta perspectiva, aborda-se a relação entre os níveis do vivido e do concebido (mediados pelo percebido), no contexto da urbanização latino-americana, como caminho investigativo de *conflitos pelo uso e apropriação* do espaço público em centros históricos. Destaca-se do nível do concebido as *políticas de espaço* ligadas ao tema do patrimônio. Com este propósito, parte-se de uma abordagem crítica acerca da temática relacional da vida cotidiana em relação ao uso do espaço público. Este último é entendido como *locus* de realização da esfera *público-política*, com potência para desvelar as profundas contradições socioespaciais do processo de formação territorial – e social – bem como as possibilidades do devir que teria como base o *urbano periférico*. A pesquisa empírica se debruça sobre os centros históricos de Iguape (Brasil) e *Colonia del Sacramento* (Uruguai).

PALAVRAS-CHAVE: VIDA COTIDIANA, ESPAÇO PÚBLICO, CENTRO HISTÓRICO, AMÉRICA LATINA

Amaya Larrucea Garritz; Ilitia A. Sauer Vera - Universidad Nacional Autónoma de México, México - La puesta en valor de los jardines históricos del centro de la ciudad de México: El caso del jardín de San Sebastián.

Los bienes culturales que son seleccionados para ser catalogados como patrimoniales responden a la necesidad particular de una sociedad para conservarlos como testigos objetivos de hechos que por su significado, decide no olvidar. En México, se ha hecho un importante esfuerzo por conservar la memoria urbana protegiendo monumentos y edificios. Sin embargo, otras tipologías arquitectónicas, de gran relevancia para la sociedad contemporánea como los jardines, han sido severamente descuidados. Los parques y jardines forman parte de la historia y testimonian en

muchos sentidos los conceptos que han prevalecido en diferentes épocas entre la sociedad y la naturaleza. Su existencia surge de la preocupación humana de traer el paisaje al medio urbano para no perder el vínculo con el mismo. En el caso de la CDMX, su existencia como espacios verdes públicos se remonta al siglo XVI y tiene una línea histórica continua hasta hoy. Localizaremos los jardines distinguiendo el periodo al que pertenecen, presentaremos la metodología diseñada para el estudio y el diagnóstico general sobre el estado actual de 21 espacios verdes aún existentes en los perímetros A y B del centro histórico, diseñados entre 1771 y 1929. El estudio será resaltado con los planos originales existentes, presentando una selección de los jardines: conservados, transformados, invadidos y desaparecidos. Profundizaremos en las características del Jardín histórico de San Sebastián, en el barrio de Tepito, analizaremos la dificultad del estudio histórico y la complejidad de su conservación, y describirá la ineficiencia en leyes y organismos imperantes para lograrlo y los resultados del estudio que realizamos sobre la conciencia de las huellas de la historia en la comunidad que lo habita. 1 El trabajo aquí presentado forma parte de los resultados del proyecto PAPIIT IN405016 Espacios verdes públicos y sustentabilidad, particularmente en los estudios culturales que lo integran.

PALABRAS CLAVE: MEMÓRIA URBANA

Carlos Hiriart Pardo; Eugenio Mercado López - Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México - Una centuria de patrimonialización y turismo en México, evolución y perspectivas. El caso del centro histórico de Morelia.

La patrimonialización de los espacios urbanos de carácter histórico y su uso turístico, si bien se ha acentuado en el pasado reciente, es un proceso cuyo inicio en Latinoamérica se remonta a las primeras décadas del siglo XX, siguiendo las pautas marcadas por Europa, condicionado y matizado por los atractivos e intereses culturales, económicos, políticos e ideológicos de cada país. Tras una centuria de que en México se iniciara la conjunción del patrimonio cultural y natural con el impulso del aprovechamiento turístico de esos bienes como una política de Estado, se considera relevante analizar ese proceso, evaluar el impacto que ha tenido en el desarrollo urbano de las ciudades mexicanas incluidas en la Lista del patrimonio Mundial, así como delinear las perspectivas que se tiene a futuro. En particular, teniendo al centro histórico de la ciudad de Morelia (UNESCO 1991) como caso de estudio, se abordara el análisis de las diversas etapas que definieron una corriente patrimonilizadora “esteticista”, que en la segunda década del siglo XX genero políticas de conservación de la ciudad histórica, acuñó el eslogan de promoción turística “Morelia la Ciudad de las Canteras Rosas” (1964) y la idealización de ciudad colonial, enfatizando el impacto que esos conceptos han tenido en el procesos de evolución urbana de ese sitio.

PALABRAS CLAVE: PATRIMONIO CULTURAL, TURISMO, CENTROS HISTÓRICOS, MORELIA

MESA 2 – PATRIMONIO, ARQUEOLOGÍA Y TURISMO EM AMÉRICA LATINA.

Coordinador: Dr. David Ramírez Palacios – Universidad Nacional Autónoma de México, México.



Alfredo José Altamirano Enciso - Universidad Nacional Federico Villareal, Peru – El Patrimonio Arqueológico de Tusi, Pasco, Perú.

En 2015 el estado de Quintana Roo recibió 10.634.681 turistas, el 22.17% de estos, 2.358.753, visitaron alguna de las 13 zonas arqueológicas sitas en la entidad. La ponencia que presentamos analiza algunos fenómenos que se esconden tras estas cifras. Mismos que afectan al patrimonio arqueológico y que deben relacionarse con la forma como el turismo y sus infraestructuras se han dado en Quintana Roo. En primer lugar, un análisis de las cifras por zona arqueológica revela el asimétrico desarrollo turístico del estado. Mientras que las situadas al norte concentran el 93,36% de los visitantes coincidiendo con los polos turísticos de Cancún, Riviera Maya y Playa del Carmen. Las del sur de la entidad reciben el 6,63% de los visitantes totales, dado que desde Tulum y hasta Chetumal, los desarrollos turísticos mantienen todavía un bajo perfil en general, con apenas un muelle de cruceros en Mahahual. Ello hace que en el norte se observen fenómenos de masificación y de saturación de operadores en las zonas arqueológicas. En el sur por contra, los visitantes acuden a unos pocos lugares con problemas de accesibilidad graves. Otro fenómeno es la diversidad de agentes que se vinculan a las zonas arqueológicas para generar estrategias económicas de todo tipo, desde *tour operators*, guías, ejidos o cooperativas. Vínculos marcados por una fuerte competencia y el mantenimiento de relaciones políticas subordinadas. El resultado de todo ello es el deterioro de la experiencia de visita sometida a la banalización por falta de estrategias de comunicación del patrimonio, de políticas públicas que permitan la gestión ordenada de terceros y por la propagación de la masificación como divisa que sólo busca el incremento de visitantes y no cuida la calidad de la experiencia.

Cecilia Medina Martin y Margarita de Abril Navarro Favela - Universidad Intercultural Maya de Quintana Roo, Elena Pérez González - Universidad Europea de Canarias, Luis Pantoja Díaz - Instituto Nacional de Antropología e Historia – Educación y turismo cultural: sinergia para ressignificar el patrimonio arqueológico.

El turismo es una actividad productiva muy importante en nuestra sociedad, e involucra al patrimonio cultural como producto de interés. Sin embargo, la afectación que el turismo mal direccionado ocasiona es un problema que afecta la conservación de los bienes culturales, en específico los arqueológicos, al exponerlos a las visitas masivas que conllevan al deterioro, además de generar problemas socioculturales entre otros. La falta de dialogo entre los prestadores de servicios turísticos (involucrados con los procesos de desarrollo mercantiles a través de la promoción de los bienes culturales) y los arqueólogos (encargados del estudio, conservación y difusión del patrimonio arqueológico), genera que sean escasas las colaboraciones para la puesta en valor de los vestigios, poniendo en contraposición sus intereses. Los profesionales del turismo y los agentes relacionados con las actividades del sistema económico y social de la denominada "industria turística", deben conocer las principales acciones que afectan a los bienes arqueológicos para su correcta conservación. Para esto, es necesario centrarse en la difusión y en realizar actividades orientadas a fomentar, documentar y difundir los valores que este tipo de bienes para su correcta apreciación. En el presente trabajo se exploran puntos y acciones convergentes para generar estrategias que permitan que el turismo cultural sea una opción de difusión de los vestigios arqueológicos, que refuerce la identidad de las poblaciones cercanas a los asentamientos prehispánicos, y a su vez, permitan el desarrollo que conlleve a su valorización, propiciando su conservación y cuidado.

PALABRAS CLAVES: PATRIMONIO, CULTURA, TURISMO

Martín M. Checa-Artasu -Universidad Autónoma Metropolitana- - Zonas arqueológicas y desarrollo turístico en Quintana Roo. Asimetrías y efectos sobre el patrimonio cultural.

En 2015 el estado de Quintana Roo recibió 10.634.681 turistas, el 22.17% de estos, 2.358.753, visitaron alguna de las 13 zonas arqueológicas sitas en la entidad. La ponencia que presentamos analiza algunos fenómenos que se esconden tras estas cifras. Mismos que afectan al patrimonio arqueológico y que deben relacionarse con la forma como el turismo y sus infraestructuras se han dado en Quintana Roo. En primer lugar, un análisis de las cifras por zona arqueológica revela el asimétrico desarrollo turístico del estado. Mientras que las situadas al norte concentran el 93,36% de los visitantes coincidiendo con los polos turísticos de Cancún, Riviera Maya y Playa del Carmen. Las del sur de la entidad reciben el 6,63% de los visitantes totales, dado que desde Tulum y hasta Chetumal, los desarrollos turísticos mantienen todavía un bajo perfil en general, con apenas un muelle de cruceros en Mahahual. Ello hace que en el norte se observen fenómenos de masificación y de saturación de operadores en las zonas arqueológicas. En el sur por contra, los visitantes acuden a unos pocos lugares con problemas de accesibilidad graves. Otro fenómeno es la diversidad de agentes que se vinculan a las zonas arqueológicas para generar estrategias económicas de todo tipo, desde *tour operators*, guías, ejidos o cooperativas.

Vínculos marcados por una fuerte competencia y el mantenimiento de relaciones políticas subordinadas. El resultado de todo ello es el deterioro de la experiencia de visita sometida a la banalización por falta de estrategias de comunicación del patrimonio, de políticas públicas que permitan la gestión ordenada de terceros y por la propagación de la masificación como divisa que sólo busca el incremento de visitantes y no cuida la calidad de la experiencia.

PALABRAS CLAVE: QUINTANA ROO, ZONAS ARQUEOLÓGICAS, TURISMO

Luis Pantoja Díaz -Instituto Nacional De Antropología e Historia-; Cecilia Medina Martin y Margarita de Abril Navarro Favela -Universidad Intercultural Maya de Quintana Roo- Elena Pérez González -Universidad Europea de Canarias- - Educación y turismo cultural: sinergia para resignificar el patrimonio arqueológico.

El turismo es una actividad productiva muy importante en nuestra sociedad, e involucra al patrimonio cultural como producto de interés. Sin embargo, la afectación que el turismo mal direccionado ocasiona es un problema que afecta la conservación de los bienes culturales, en específico los arqueológicos, al exponerlos a las visitas masivas que conllevan al deterioro, además de generar problemas socioculturales entre otros. La falta de dialogo entre los prestadores de servicios turísticos (involucrados con los procesos de desarrollo mercantiles a través de la promoción de los bienes culturales) y los arqueólogos (encargados del estudio, conservación y difusión del patrimonio arqueológico), genera que sean escasas las colaboraciones para la puesta en valor de los vestigios, poniendo en contraposición sus intereses. Los profesionales del turismo y los agentes relacionados con las actividades del sistema económico y social de la denominada "industria turística", deben conocer las principales acciones que afectan a los bienes arqueológicos para su correcta conservación. Para esto, es necesario centrarse en la difusión y en realizar actividades orientadas a fomentar, documentar y difundir los valores que este tipo de bienes para su correcta apreciación. En el presente trabajo se exploran puntos y acciones convergentes para generar estrategias que permitan que el turismo cultural sea una opción de difusión de los vestigios arqueológicos, que refuerce la identidad de las poblaciones cercanas a los asentamientos prehispánicos, y a su vez, permitan el desarrollo que conlleve a su valorización, propiciando su conservación y cuidado.

PALABRAS CLAVES: PATRIMONIO, CULTURA, TURISMO.

Cristina Corona Jamaica -Instituto Nacional de Antropología y História, México-; Luis J. Abejz García -Universidad de Barcelona, Espanha- – Estrategias para um turismo sustentable incluyente em sítios patrimoniales y museos em La Ciudad de México.

En esta ponencia evaluaremos con una perspectiva de género e intergeneracional las fortalezas y debilidades de la planeación estratégica para un turismo sustentable incluyente en la Ciudad de México en donde se disputan los espacios públicos y privados, los derechos culturales y los derechos de los habitantes de los lugares patrimoniales. Nuestra investigación se basa en los análisis comparativos de algunos sitios patrimoniales y museos en donde se presentan flujos

turísticos, y como ejemplos mostraremos el estudio piloto realizado en el Centro Histórico de la Ciudad de México, en Coyoacán, en el Corredor Cultural de Museos de Reforma, considerando algunos de sus museos y zonas arqueológicas vinculadas. Se pretende mostrar los estudios realizados de las diversas experiencias significativas de sus habitantes y sus visitantes siguiendo la metodología de la identidad de los visitantes (Falk, John); entrevistas semiestructuradas a diversos actores sociales y culturales; observación no participante y seguimiento de públicos (Wayfinding); y los sondeos a públicos a partir del Diagnóstico de Centralidad en los visitantes (Gándara, M.). Nuestra intención es mostrar de qué manera los dispositivos patrimoniales y museológicos pueden ser composiciones integrales en donde se le ofrezca al turista una gama de experiencias significativas urbanas considerando el género, las edades, clase social, diversidad cultural y los diversos niveles de conocimiento. En estas últimas décadas hemos visto cómo las grandes ciudades en todo el mundo se han visto amenazadas por su propio desarrollo y por un triple proceso de homogeneización, fragmentación espacial y privatización de sus espacios y servicios públicos que ha acabado por imponer un modelo de ciudad, dominante y dominador, que se halla más enfocado hacia la economía y la funcionalidad que hacia las personas. Frente a esta realidad, asociaciones cívicas y grupos vecinales, en algunas ocasiones con el apoyo de las instituciones públicas, han ido desarrollando diferentes estrategias encaminadas a la re-apropiación de la ciudad y de su patrimonio, intentando privilegiar la interacción de la diversidad social y cultural de sus habitantes y visitantes, y asegurar la intensidad del uso y la construcción de los espacios públicos con la finalidad de convertirlos en lugares más seguros, incluyentes y significativos. Sin embargo, el resultado de todo ello ha sido que, en la práctica, la ciudad se ha bipolarizado en torno a lo económico y a lo cívico, como si estas dos facetas de la vida urbana se correspondieran con dinámicas e intereses diferentes o, incluso, como si fueran aspectos antagónicos dentro de una misma realidad, generando así toda una serie de conflictos de coexistencia en el marco de una interacción de compleja solución, ante lo cual se requieren de unas respuestas que, inevitablemente, deben de ser construidas desde el más estricto de los consensos. En esta reflexión, la Ciudad de México es representativa de este proceso divergente pues, al mismo tiempo que ha sabido convertirse en uno de los lugares más relevantes a nivel turístico, cultural e intelectual de México, manteniendo algunas de sus señas de identidad más características, también enmarca un amplio historial de conflictos de convivencia entre clases sociales y entre vecinos y visitantes por el uso, apropiación y disfrute de sus espacios urbanos. Esta ciudad es conocida por ser uno de los núcleos urbanos más grandes y poblados del planeta, y por padecer muchos de los problemas comúnmente asociados a este tipo de megaciudades: desarrollismo descontrolado, banalización del paisaje urbano, pauperización, desigualdad y exclusión social, delincuencia y gentrificación, por mencionar algunos. Sin embargo, cuenta también con una larga historia que arranca desde la época prehistórica, la época prehispánica simbolizada en su Centro Histórico, el Museo del Templo Mayor y el Museo Nacional de Antropología, y la vibrante cultura subalterna de su historia reciente a través de sus barrios. Entender la ciudad significa integrar su patrimonio cultural y natural en la vida cotidiana de los ciudadanos, salvando las barreras que históricamente han separado tanto el patrimonio de la

sociedad en donde se halla como el patrimonio pasado del patrimonio presente, al dejar de ser manifestaciones aisladas y fosilizadas, dispuestas y expuestas en un marco “exquisitamente amortajado” , para situarlas de forma natural y armónica en las diferentes dinámicas y en el desarrollo de la ciudad, siendo ésta la mejor manera de protegerlo y de conservarlo. En este sentido, es importante señalar que frente a la construcción clásica del patrimonio como un acto de afirmación de lo propio e idiosincrásico de la nación , de lo “nuestro” en oposición con lo que se considera que pertenece a los “otros”, la posibilidad que un patrimonio nacional pueda ser definido como propiedad de toda la Humanidad y que se declaren medidas para su protección y gestión por parte de instituciones supranacionales como la UNESCO, se ha convertido en una clara intrusión de la comunidad internacional en las políticas culturales internas y en los intereses que pueden y deben de condicionarlas, amenazando por desbordar el control que, hasta la fecha, ejercen los estados - y sus ciudadanos - sobre lo que ellos pueden o no considerar como patrimonio, pudiendo incluso llegar a cuestionarlo. Asimismo, y no sin problemas, el Centro Histórico de Coyoacán ha conseguido conservar el relativo - aunque precario - equilibrio existente entre su paisaje urbano y el paisaje humano, motivo por el cual ha mantenido una cierta identidad como barrio. Es importante destacar este hecho pues “el barrio es, casi por definición, un dominio del entorno social puesto que es para el usuario una porción conocida del espacio urbano en la que, más o menos, se sabe reconocido”, al haber impuesto sus actos cotidianos en el uso habitual de ese espacio, permitiendo su “privatización” progresiva, es decir, asegurando la continuidad entre el espacio privado (la casa) y el espacio público en el sentido de apropiarse socialmente del mismo. Esta realidad es lo que le ha otorgado a Coyoacán la marca de autenticidad diferencial que ostenta frente al proceso continuado de homogeneización y de banalización del entorno que ha dominado en el resto de la ciudad, siendo un aspecto que es altamente valorado por los visitantes y, por lo tanto, es fundamental conservar. Por el momento, Coyoacán reúne todos los requisitos para ser considerado como un “sitio de patrimonio cultural” de excepcional importancia y, por ello, se ha convertido en un lugar de gran atractivo turístico, en un referente de ocio y de cultura tanto para el público local como para el nacional e internacional. De hecho, el espacio conjunto de la Plaza Jardín Centenario y el Jardín Plaza Hidalgo es el segundo de estas características en cuanto al número de visitantes de todo el país, solo detrás de la Plaza de la Constitución (el Zócalo), en la misma Ciudad de México. Pero, ¿hasta cuándo podrá mantener esta situación privilegiada? ¿Cómo está afectando a sus habitantes ser uno de los focos turísticos principales de la ciudad y del país? ¿Es posible “morir de éxito”? ¿Qué tipo de visitantes disfrutan estos sitios patrimoniales? ¿Son diferentes las experiencias patrimoniales dependiendo del género y la edad? Es indudable que la Ciudad de México, al mismo tiempo que destaca por sus particulares atractivos, también reúne gran parte de los problemas que aquejan a este tipo de espacios en todo el mundo, aunando los propios de ser un espacio urbano - con todas las problemáticas asociadas que ello conlleva y que comparte con el resto de los lugares patrimoniales en el mundo- al hecho de ser una ciudad que atrae un gran número de visitantes, cuya afluencia supone un gran impacto a nivel económico, medioambiental y socio-cultural, las causas y efectos del cual deben de ser identificados, valorados, cuantificados y, sobre todo, abordados sin demora con políticas públicas de turismo sustentable incluyente en donde se

dialoguen las diversas instituciones locales y federales encargadas del patrimonio cultural considerando sus características por género y edad. En estos casos, ¿cómo podemos armonizar el desarrollo del turismo sustentable incluyente y, particularmente, del turismo de masas, con los diferentes intereses, a menudo contrapuestos, de los habitantes del lugar? ¿Cómo podemos conciliar el derecho que tienen los habitantes locales a disponer y disfrutar de sus espacios y de su patrimonio con los derechos que, indudablemente, sobre ellos también tienen el resto de los habitantes de la ciudad, del país e, incluso, de otros países? Como cualquier otro sitio de patrimonio cultural, la adaptación de la Ciudad de México, de sus sitios patrimoniales y museos a los diferentes públicos requieren de la elaboración de un proyecto integral que aúne la protección y conservación con la investigación, la exposición y la divulgación de los bienes culturales con las necesidades inherentes a la vida cotidiana de sus habitantes. La creación de rutas e itinerarios por el barrio y de las infraestructuras necesarias para los visitantes no debe de ir en detrimento ni de su uso por parte de los vecinos ni del desarrollo de sus actividades cotidianas. De otro modo, el conflicto está asegurado.

PALABRAS CLAVES: TURISMO SUSTENTABLE INCLUYENTE, SITIOS PATRIMONIALES, MUSEOS, CIUDAD DE MÉXICO.

MESA 3 - ATIVAÇÃO DO PATRIMÔNIO-TERRITORIAL NA AMÉRICA LATINA

Coordenador: Dr. José Omar Moncada Maya - Universidad Nacional Autónoma de México, México



Rúbia de Paula Rúbio -Universidade de Brasília, Brasil- – Do saber-local à ativação do patrimônio-territorial: caso do assentamento de reforma agrária Cafundão (Mariana, Minas Gerais, Brasil).

Propõe-se, neste trabalho, dialogar sobre a importância teórico-metodológica, e também utópica, da consideração do patrimônio-territorial para a denúncia da violência colonialista no que concerne ao campo brasileiro, bem como na valoração da base existencial dos sujeitos que os permitem sobreviver no/do campo. Parte-se do pressuposto de que a investigação dos processos de ativação do patrimônio-territorial auxilia na política de implantação de assentamento, bem como na fixação e reprodução da vida na terra. Isto por que, na análise das narrativas dos sujeitos assentados do Cafundão (localizado em Mariana, Estado de Minas Gerais, Brasil), percebe-se um esforço de manutenção da memória coletiva que se liga à terra através de sua mineração, e a apropriação deste saber-local atrelado à extração e ao torneamento de esteatito como forma de direcionar a implantação da própria política de assentamento. Em outras palavras, observa-se a ativação deste patrimônio-territorial dos assentados do Cafundão através da análise do histórico de luta para que se tornassem participantes de uma política que possui escala nacional. E, principalmente, percebe-se que a concretização desta política no território se dá através do empoderamento e apropriação dos assentados de seu saber-local, que se relaciona à produção artesanal de painéis de pedra, de forma a direcionar não só a aplicabilidade e assistência da política de reforma agrária, como também de transformar-se em renda local, mecanismo de fixação na terra e forma de manutenção de uma coletividade que os unem num ser-assentado.

PALAVRAS-CHAVE: POLÍTICA DE REFORMA AGRÁRIA; PATRIMÔNIO-TERRITORIAL; UTOPISMO PATRIMONIAL; CAMPO BRASILEIRO; MARIANA, MINAS GERAIS, BRASIL.

Ilka Lima Hostensky - Universidade de Brasília, Brasil - Ativação de um patrimônio-territorial em Olinda, Brasil: Comunidade quilombola urbana do Portão do Gelo – Nação Xambá.

Reconhecer e estimular práticas educacionais e culturais que valorizam saberes, fazeres e memórias de grupos que, historicamente, foram invisibilizados na história latino-americana é um dos propósitos quando se trata da ativação do Patrimônio-territorial. Sabe-se que a temática da patrimonialização avança nas Ciências Sociais e Humanas e ganha amplitude. O Patrimônio-territorial figura neste contexto como a verdadeira expressão da arte, da religião, do modo de vida, dos saberes e fazeres localizados nos chamados territórios de exceção, ou seja, aqueles resistentes à chamada colonialidade do poder. O objetivo deste trabalho é discutir como ocorre a ativação popular do Patrimônio-territorial, sobretudo aquela relacionada às questões de práticas de resistência negra na América Latina. Para tanto o presente estudo foca o olhar na comunidade quilombola urbana Portão do Gelo – Nação Xambá, situada na periferia da cidade de Olinda- PE, Brasil. O estereótipo do negro como raça inferior foi cuidadosamente construído desde a época da colonização e vigorou como ideia hegemônica. Ao mesmo tempo, surgiram práticas de resistência que, com o passar dos anos, adquiriram novas feições. Este trabalho parte da visão de que a ativação do Patrimônio-territorial, quando operada a partir da mobilização social, possibilita a valorização dos saberes localizados e a diminuição de estigmas sociais. Sendo o território um lugar de disputa de poder e de expressão de valores, acredita-se que as práticas culturais, as quais evidenciam as referências territoriais e culturais de determinado grupo, definem e potencializam

territorialidades que ressoam no contexto urbano e reforçam vínculos sociais. Trata-se de uma pesquisa em andamento e a análise metodológica a ser utilizada será a proposta por Costa (2016). Para o autor a iniciativa da ativação popular pode se dar em três níveis: Comunitário, Universitário e Institucional.

PALAVRAS-CHAVE: AMÉRICA LATINA. COLONIALIDADE. PATRIMÔNIO-TERRITORIAL. QUILOMBO URBANO. NAÇÃO XAMBÁ.

Daniel Rodríguez Ventura - Universidad Nacional Autónoma de México, México - El patrimonio territorial de la Sierra de San Francisco desde la visión de los espacios de la vida cotidiana de los californios.

La Sierra de San Francisco se localiza en la Reserva de la Biosfera El Vizcaíno, Baja California Sur; entre algunas de sus cuevas existen murales de pinturas rupestres, decretados Patrimonio de la Humanidad por la Unesco en 1993. También es hogar de los rancheros californios, herederos de una cultura vaquera con raíces en la época misional. Algunas publicaciones, entre 1960-1981, sobre tal patrimonio arqueológico trajeron consigo el arribo de saqueadores y turistas. Ante tal amenaza y deterioro, en 1994 el INAH diseñó un plan de manejo para su conservación, protección y visitación, con la inclusión de los anfitriones como guías y con una visión meramente enfocada al turismo cultural entorno al arte rupestre; sin embargo, durante la implementación del turismo, los turistas y operadoras turísticas han incorporado otros componentes del patrimonio territorial serrano. Con base a un posicionamiento teórico desde el paradigma humanista en Geografía y con un diseño metodológico cualitativo –apoyado con observación participante y entrevistas a profundidad-, se estudiaron los espacios de la vida cotidiana y los espacios vividos de los rancheros californios, con lo cual se reconocieron dos perspectivas: (1) Las operadoras turísticas ofertan los espacios de la vida cotidiana de los rancheros como un recurso turístico sin dar una retribución económica a los anfitriones extra a lo establecido en el plan de manejo; (2) La convivencia de los anfitriones con los turistas les ha permitido reconocer el valor estético, histórico y científico del arte rupestre y la naturaleza; por su parte ellos mismos consideran que su vida cotidiana y cultura son parte de su patrimonio, pero no los conciben como recursos turísticos.

PALABRAS CLAVE: PATRIMONIO TERRITORIAL; ESPACIO DE VIDA; ESPACIO VIVIDO; VIDA COTIDIANA; TURISMO CULTURAL.

Vinicius Sodré Maluly - Universidade de Brasília, Brasil - A Estrada Real ou as Estradas Reais? Inquirições sobre os caminhos do ouro dos setecentos.

A patrimonialização brasileira, efetuada ao longo do século XX, tem sido alvo de diversos estudos que versam a respeito da forma como ela se dá, de acordo com os parâmetros mundiais aos quais está subordinada, e quais os resultados que dela advêm. Os impactos territoriais e a maneira como as escalas global e nacional intervêm na realidade local são exemplos nítidos de objetos de estudo no âmbito geográfico que focam as condições da própria patrimonialização. O século XVIII, nesse

enjo, tem capturado bastante a atenção tanto dos institutos de patrimonialização quanto dos pesquisadores que visam discutir e dialogar a respeito dessa prática que vem sendo incrementada ao longo dos últimos anos. A urbanização dos setecentos, a difusão nacional do barroco, a mineração e o crescente uso da mão de obra escrava definiram esse século como um importante ponto em que culmina uma forma de vida específica antes da chegada da família real portuguesa ao Brasil em 1808. Nessa fase tardia da época colonial de nosso país, várias foram as transformações que ocorreram socialmente, politicamente e territorialmente. O território que hoje se apresenta enquanto Brasil teve grande parte de seus limites definidos nesse século, seja por tratados diplomáticos de extrema relevância (Tratado de Madrid, 1750; Santo Ildefonso, 1777) ou pela própria ocupação paulatina de novas terras para além dos limites estabelecidos no Tratado de Tordesilhas (1494). A mineração, que teve seu ápice até meados do século XVIII, também alterou as formas de convivência na sociedade e introduziu a necessidade de um ambiente urbano, que se adequasse ao rápido ritmo dessa atividade econômica quase nômade. Junto às cidades, intensificou-se o uso do escravo negro, que passou a integrar, profundamente, as raízes históricas do Brasil por meio da violência e da dominação. Em todo esse contexto específico, teve o contrabando importante contribuição. Vários eram os caminhos que iam e viam até as minas do ouro. Desde os portos de Salvador, Santos, Paraty e Rio de Janeiro, alcançavam-se os inúmeros arraiais e vilas do ouro, como Vila Rica, Meia Ponte, Vila Boa, Vila de Cuiabá e Vila Bela da Santíssima Trindade. Dava-se uma densa rede de caminhos pelo território que faziam circular os prospectadores do ouro, os comboios de escravos, os comerciantes de fazendas secas, os bandeirantes, os indígenas, os representantes da Coroa, enfim, todo um quadro demográfico formado em torno dessa atividade econômica específica. Mas a grande proliferação de caminhos, regulados e administrados por uma série de objetos específicos de controle real, como as contagens e os registros, também gerava um ainda maior número de descaminhos. Se denominavam assim os caminhos não-reais, formados para circundar os trajetos oficiais, fazendo frente às determinações reais e que empreendiam o forte contrabando que também caracterizou não apenas o século XVIII, mas toda a história colonial brasileira. Ordens régias, como as de 10 de janeiro de 1730 e 27 de outubro de 1733, proibiam expressamente os caminhos para as minas que não fossem os de São Paulo até Goiás e os do Rio de Janeiro e Paraty até Vila Rica. Assim, caminhos internos entre Goiás, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Pará, por exemplo, eram todos de ordem ilegal, mas de fato existiram e foram importantes eixos de comunicação da colônia. A mão de obra escrava utilizada nas minas goianas, por exemplo, era negociada com comboieiros da Bahia, assim como o gado e produtos vitais para a sobrevivência da população. Muito ouro, então, escoava para essas partes, esquivando-se do quinto real, imposto da época que recolhia 20% dos rendimentos das atividades auríferas para a Metrópole portuguesa. Surgia, então, uma série de imposições administrativas verticais que buscavam controlar as riquezas naturais extraídas e, em oposição, também emergiam alternativas horizontais a esses mecanismos, provocando um específico produto espacial típico dos setecentos. Alguns institutos de patrimonialização vêm buscando capturar esses movimentos e os institucionalizar segundo o consumo de espetáculo que surgiu ao longo do século XX. As cidades da mineração brasileiras não são exceção a isso e

também foram tornadas produto diante do crescente mercado consumidor mundial de patrimônio. As cidades sofrem imediatos impactos na sua própria organização, alterando-se a forma de vida de uma totalidade em detrimento de seu centro histórico, cingindo a urbe em prol de uma valorização ensejada de acordo com uma demanda externa e não advinda dos próprios habitantes da localidade. Os caminhos também estão sob o jugo dessa institucionalização e refletem as condições econômicas e políticas encontradas hodiernamente no Brasil. O Instituto da Estrada Real, criado em 1999, tornou objeto de uma ordem específica de turismo uma série de caminhos que passam pelos estados federativos do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Esse conjunto de rotas alcança Diamantina, Sabará, Ouro Preto, São João del-Rei, Petrópolis, entre outras cidades de destaque da mineração setecentista e engloba o que eram os Caminhos Velho e Novo. Ambos instituídos pela Coroa para que se pudesse escoar a produção aurífera extraída até os portos de Paraty e Rio de Janeiro, evitando-se a conexão com o porto de Salvador e a própria interiorização da riqueza natural. Mas ambas as estradas não eram as únicas estradas reais, apesar do que aparenta o próprio nome do instituto. O caminho que ia de São Paulo até Goiás e, posteriormente, Cuiabá também foi instituído enquanto estrada real e está presente, sob esse desígnio, em diversas fontes documentais, até mesmo de ordem cartográfica. Dessa maneira, as estradas reais alcançavam uma parte do território que era de efetivo interesse português, ou seja, o território a oeste, defronte às possessões portuguesas. Mas não surgiu um interesse pelo Instituto da Estrada Real para restaurar e, até certo ponto, reanimar esse longo caminho a oeste. Neste trabalho, portanto, buscaremos apresentar algumas inquirições a respeito desse caminho que partia de São Paulo até o território a oeste, representante do caminho tomado pelos exploradores bandeirantes que perscrutavam a hinterlândia em busca de riquezas mineralógicas, e que não está contemplado pela patrimonialização desenvolvida nos caminhos velho e novo, além dos próprios descaminhos do ouro. Parte da indagação também deve revolver em torno do fato de que o Instituto da Estrada Real trabalha apenas com os três estados que compõem a região sudeste do Brasil, onde se concentra até hoje a maior parte do capital que entra e sai do país. O caminho do Ananguera, por sua vez, percorre estados não tão centrais à dinâmica capitalista como Goiás e Mato Grosso e os descaminhos que iam até Salvador e Pará, por sua vez, atravessam também o sertão nordestino, regiões essas que não comporam o plano de nação instituído para o Brasil a partir do Rio de Janeiro e São Paulo. Mas devemos nos indagar também a respeito das profundas bases sociais, históricas e territoriais que acompanham todos esses trajetos e que podem representar alternativas de valoração para além dos caminhos velho e novo já reificados, refletindo a composição colonial brasileira de acordo com o que realmente se deu, a partir dos intentos da Coroa Portuguesa e os descaminhos deles resultantes.

PALAVRAS-CHAVE: ESTRADAS REAIS, DESCAMINHOS, MINERAÇÃO, SÉCULO XVIII.

MESA 4 – TURISMO EM ÁREAS URBANAS Y ÁREAS RURALES EM AMÉRICA LATINA.

Coordenador: Dr. Everaldo Batista da Costa -Universidade de Brasília, Brasil-.



José Alfonso Baños Francia -Universidad de Guadalajara, México - Pueblos Mágicos en la Sierra Occidental de Jalisco. La puesta en valor del patrimonio para el consumo turístico

En la participación se estudian tres poblaciones reconocidas por el Programa de Pueblos Mágicos (PPM) que se localizan en la Sierra Occidental de Jalisco, referidas a San Sebastián del Oeste, Mascota y Talpa de Allende. La táctica analítica considera a los recursos naturales y culturales que conforman el patrimonio local y que han sido incorporados como parte de la oferta turística. Además, se indaga sobre la apropiación simbólica del patrimonio por parte de los pobladores. El trabajo se divide en tres partes; en el primero, se presenta el territorio, paisaje y recursos naturales. En el segundo, la expresión cultural (espacio colectivo, arquitectura, mitos) es la protagonista para concluir con una revisión de las transformaciones sucedidas tras su incorporación al PPM. La conclusión sugiere que si bien se ha buscado potenciar el desarrollo regional mediante la puesta en valor de los atractivos turísticos, los resultados son magros quedando en entredicho la capacidad redistributiva del turismo. Además, pueden alentarse alternativas para potenciar el patrimonio regional mediante la puesta en operación de un corredor bio-cultural entre las tres comunidades.

PALABRAS CLAVE: PUEBLOS MÁGICOS; PATRIMONIO; TURISMO.

Fabián Carrillo Navarro; Flores Domínguez, David Ángel - Colégio de Tlaxcala, México - El turismo cultural y su relevancia para la preservación del patrimonio cultural: El caso de Hueyotlipan, Tlaxcala, México.

La importancia del turismo cultural radica tanto en la derrama económica, la interacción entre visitantes y residentes y el disfrute del patrimonio cultural tangible e intangible de la comunidad local. La región Centro de México, que incluye al estado de Tlaxcala, se caracteriza por una gran riqueza patrimonial, sin embargo en algunos lugares, su preservación podría estar amenazada debido al deterioro y el escaso presupuesto para su restauración. Este trabajo se enfoca en proponer una estrategia de turismo cultural para el municipio de Hueyotlipan, Tlaxcala, a partir de la integración del patrimonio como atractivo turístico, con la finalidad de contribuir a su preservación y aprovechamiento, que permita reforzar la identidad de los pobladores. La propuesta incluye las siguientes fases, 1) identificación del patrimonio más representativo para la comunidad y que se pueda integrar al turismo; 2) valoración de las condiciones de la infraestructura y servicios municipales que posibiliten el turismo, 3) determinación de los elementos patrimoniales que se puedan considerar como atractivos turísticos y; 4) integración de los atractivos en el contexto turístico regional. Se espera que la implementación de esta propuesta, coadyuve a la preservación y aprovechamiento del patrimonio del municipio de Hueyotlipan, Tlaxcala y de otros lugares donde sea replicada, además de reforzar la identidad de los pobladores. Finalmente, la propuesta constituye un aporte teórico-metodológico para la gestión del turismo cultural.

PALABRAS CLAVE: PATRIMONIO CULTURAL, IDENTIDAD, PRESERVACIÓN, TURISMO CULTURAL, ATRACTIVO TURÍSTICO

Miriam Reyes Tovar -Universidad de Guanajuato, México-. El patrimonio cultural y su relación con el paisaje rural como un imaginario geográfico ante el desarraigo territorial de la migración internacional.

En los avatares de la modernidad, tanto el territorio como la sociedad, se encuentran inmersas en un constante flujo de personas, grupos, símbolos y significados que acentúan el sentido de apropiación hacia un lugar, o bien, su desarraigo. En este sentido, es importante considerar al paisaje como unidad espacial de la Geografía Humana, que enmarca el ámbito sensible de los lugares vividos y por lo tanto, evidencia las transformaciones sociales que se generan con los encuentros y desencuentros producidos por la movilidad, en nuestro caso, con la migración internacional. El interés de la presente propuesta de investigación radica en destacar, que frente a las lógicas imperantes de una economía global, los espacios mundializados y las nuevas formas de pensar, sentir, ver y vivir los territorios; la valoración hacia los componentes culturales y en particular, hacia el recuerdo y nostalgia por el paisaje que se ha dejado, se convierten en elementos primordiales para la configuración de un imaginario geográfico que permite la proximidad social, territorial y temporal con el territorio que se ha dejado y que se sigue recordando. Pudiendo de esta forma, tener un anclaje del paisaje del pasado que cobra significado en su presente y que le permite una trayectoria biográfica y significativa de su lugar. Para tal sentido, se presenta el caso del paisaje rural de Michoacán y su connotación territorial y cultural en el caso de la migración internacional.

PALABRAS CLAVE: PAISAJE RURAL, PATRIMONIO CULTURAL, IMAGINARIO GEOGRÁFICO

MESA 5 – PATRIMONIALIZACIÓN DE LA CULTURA Y DE LA NATURALEZA EM AMÉRICA LATINA.

Coordinadora: Dr^a Miriam Reyes Tovar -Universidad de Guanajuato, Celaya-.



Mónica Cejudo Collera; Boris Vladimir Tapia Peralta -Universidad Nacional Autónoma de México, México- - El concepto de régimen de valor frente al valor intrínseco: sus implicaciones y pertinencia para explicar las contradicciones en los procesos de patrimonialización.

El concepto de valor intrínseco –que sustenta en gran parte las estrategias de patrimonialización de lugares, sitios, paisajes y prácticas culturales, así como bienes muebles e inmuebles en el contexto mexicano y latinoamericano- se encuentra en cuestionamiento desde hace al menos dos décadas por parte de integrantes de las instituciones rectoras sobre el tema -como por ejemplo, la UNESCO-, lo mismo que una serie de investigadores y teóricos. A pesar de lo anterior, los resultados de esa discusión aún no se han integrado a los instrumentos normativos nacionales, y el concepto de valor intrínseco continúa replicándose en las aulas universitarias, los encuentros académicos y la práctica de la arquitectura y el diseño urbano en torno al patrimonio cultural.

En esa perspectiva se busca argumentar que el proceso de patrimonialización de bienes inmuebles y sitios consiste, ante todo, en la aplicación sobre el territorio de un discurso que surge de un sector hegemónico de la sociedad, que deviene social en tanto se ejerce desde una posición de poder. El argumento se basa, en primer lugar, en plantear la pertinencia de la aplicación del concepto *régimen de valor* -propuesto por John Frow a partir de la lectura de los textos de Arjun Appadurai- para los procesos de construcción social del patrimonio cultural, y en segundo lugar presentar evidencia empírica –obtenida tras un proceso de investigación en el Centro Histórico de la Ciudad de México- que muestra la existencia de múltiples regímenes de valor aplicados en simultáneo sobre los

misimos objetos arquitectónicos, y cómo estos pueden variar si se pone de manifiesto, a la población, el discurso de patrimonio cultural.

PALABRAS CLAVE: VALOR INTRÍNSECO – RÉGIMEN DE VALOR – CONSTRUCCIÓN SOCIAL DEL PATRIMONIO

León Ávila Romero; Agustín Ávila Romero -investigadores Universidad Intercultural de Chiapas, México- - Disputas territoriales por el patrimonio natural y cultural en Chiapas, México.

Mediante esta ponencia se analiza el proceso de disputas territoriales que se desarrollan en el estado mexicano de Chiapas, por la profundización de las dinámicas capitalistas, de reorganización territorial y de urbanización de espacios rurales donde habita una población de origen mayoritariamente indígena. Para Bernardo Manzano (2008) la disputa territorial se produce de dos maneras: por la desterritorialización o por el control de las formas de uso y de acceso a los territorios, o sea, controlando a sus territorialidades. En ese sentido, en Chiapas se desenvuelven procesos de resistencia y de impulso de los movimientos sociales frente a las dinámicas capitalistas de despojo, privatización y mercantilización de los bienes comunes. Dichos actores sociales buscan defender y preservar el patrimonio natural y cultural con el que cuentan los pueblos originarios de habla maya en el sureste de México. En este estudio se analizan dos casos emblemáticos de defensa de territorialidades y por tanto de otras ontologías políticas. En primer lugar la lucha social por la preservación del área ecológica de los humedales de montaña en el Valle de Jovel, en el municipio de San Cristóbal de las Casas, Chiapas, que se han opuesto firmemente a los intereses del capital inmobiliario; y en segundo termino, la defensa de la lengua maya tojol-ab´al por parte de jóvenes en el municipio de Las Margaritas, Chiapas, frente al crecimiento urbano, los flujos migratorios y los cambios socioculturales.

PALABRAS CLAVE: DISPUTAS TERRITORIALES, PATRIMONIO NATURAL, HUMEDALES DE MONTAÑA, TOJOLABALES.

Laetia Azucena García Sánchez; José Luis Palacio Prieto -Universidad Nacional Autónoma de México, México-; Pedro Corona Chávez -Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México- - Propuesta metodológica para el diseño del inventario y valoración del geopatrimonio en el Distrito Minero de Tlalpujahuá – El Oro (DIMITO), México.

En la actualidad se ha mostrado interés por la geoconservación del geopatrimonio dentro de la academia. Muestra de ello, se observa en las diferentes iniciativas que se han generado a nivel mundial para la conservación y preservación del patrimonio geológico-geomorfológico. Esta investigación se centra en proponer una metodología para el levantamiento del geopatrimonio, así como para, su evaluación. El área de estudio corresponde a los municipios de Tlalpujahuá de Rayón (E del Estado de Michoacán) y El Oro de Hidalgo (NW del Estado de México), son municipios con alta diversidad biofísica (geología, geomorfología, formaciones vegetales, etc.) y cultural (minas, canteras, vetas, socavones, etc.) que en su mayoría están asociados con el uso histórico de

ocupación. La metodología consistió en seis pasos fundamentales: 1) Temática, 2) Categorías de la geodiversidad, 3) Dimensión espacial del geopatrimonio, 4) Criterios de evaluación, 5) Inventario del geopatrimonio y 6) Trabajo participativo con expertos en el tema para la valoración. En este sentido, el paso 4 fue crucial para esta investigación, pues a partir de este se definieron 2 criterios de evaluación (valor científico/educativo y potencial geoturístico), 13 indicadores y 52 variables, los cuales sirvieron para la elaboración del inventario y la valoración del geopatrimonio. Por su parte, se identificaron 15 sitios de interés geológico – geomorfológico, la mayoría de ellos localizados en los alrededores de las cabeceras municipales. Por otro lado, los sitios con valores altos para el criterio valor científico/educativo, están asociados con la actividad minera. Mientras que, los sitios con valores significativos para el potencial geoturístico se asocian a lugares de recreación.

PALABRAS CLAVE: GEOPATRIMONIO, GEOCONSERVACIÓN Y GEOTURISMO.

Marisol Ruíz Cortés -Universidad Nacional Autónoma de México, México- - El Bosque de Milpa Alta: patrimonio biocultural de la Ciudad de México

El objetivo de esta ponencia es reconocer el conocimiento ecológico de los pueblos originarios de Milpa Alta a través de la salvaguarda que han dado a través de los años del patrimonio forestal en la Ciudad. Hablar de patrimonio forestal significa ligarlo con otros elementos vitales para la vida: agua y oxígeno. Pues el bosque permite infiltrar el agua de lluvia a los mantos freáticos del subsuelo así como a capturar carbono y equilibrar los niveles de contaminación atmosférica de ahí la importancia de considerar el patrimonio forestal como sagrado (sustraer este patrimonio de los procesos de comercialización y cosificación) ante un contexto de cambio climático y de rápida urbanización que devasta los territorios que cuentan con diversidad biológica y cultural. La lucha del patrimonio forestal, se ha dado desde la época de la Revolución, Milpa Alta se incorporó al bando Zapatista debido al Reglamento para la explotación de bosques y terrenos baldíos y nacionales del año de 1894. Puesto que este reglamento permitió permisos de explotación forestal a empresas particulares siempre y cuando el concesionario se comprometiera a emplear a los dueños del bosque en la explotación directa y a realizar ciertas obras de interés social para la comunidad. Señala el investigador Matthew Vitz que el gobierno concedió a los hermanos Henry y Harry Hampson en 1904 explotar los bosques de Milpa Alta, y que esta tala tenía que ser metódica y cortando solo aquellos árboles que por su madurez debían ser cortados, y no permitieron que los originarios pudieran beneficiarse del bosque. Para 1911 el movimiento revolucionario comenzaba en las orillas de la Ciudad de México, pues como indica Vitz en julio de ese año unos revolucionarios de la comunidad de San Pablo Oztotepec declararon que todos los bosques pertenecían al pueblo. Desde los años setenta los pueblos de Milpa Alta enfrentaron una serie de proyectos urbanos que amenazaban su territorio; en 1974 se trató de diseñar un parque en la zona Ajusco-Milpa Alta, donde se establecerían hoteles, un zoológico y una feria, el proyecto no prosperó ya que los habitantes de Milpa Alta se opusieron a que se afectará el bosque. En ese mismo año, el gobierno autorizó la creación de la Ciudad de la Ciencia y la Tecnología así como el Centro Interdisciplinario de Ciencias de la Salud, pertenecientes al Instituto Politécnico Nacional. En 1978,

la Comisión Federal de Electricidad, inició la construcción de una línea de transmisión eléctrica y en su tramo Milpa Alta- Topilejo, se tenían que derribar 200 mil árboles, pero los habitantes se opusieron y entablaron un diálogo con Comisión Federal de Electricidad para que buscara otras alternativas para la construcción de la obra y la lucha que venía enfrentando con la compañía papelera Loreto y Peña Pobre; en contra de la sobreexplotación de sus bosques, todo ello llevó a que se creara un frente de lucha de los comuneros, primero lidiando con los conflictos de intereses internos que contravenían a la comunidad; segundo, la lucha política al exterior; organizándose junto con diferentes organizaciones independientes de campesinos y formando todo un movimiento no sólo local sino regional. En el año 2010, se revivió la lucha por los bosques, con la construcción del proyecto carretero Arco Sur; proyecto no consensuado con la comunidad por parte del gobierno federal. Pues este proyecto contraviene a los intereses de la comunidad y de los propios discursos venidos desde el gobierno federal así como el gobierno de la Ciudad de México de preservación de suelo de conservación. También es necesario subrayar que en el año 2010 entre el 3 y 5 de febrero, en Milpa Alta se presentaron fuertes lluvias y vientos que derrumbaron muchos árboles, se calculaba que eran 30 mil árboles. De acuerdo al Programa Comunitario para el Aprovechamiento Doméstico de la Madera Derribada por los Vientos de La Representación General de Bienes Comunales de Milpa Alta y Pueblos Anexos indica que el fenómeno meteorológico fue una presencia combinada de lluvias atípicas con precipitaciones de 27 mm/h y vientos con velocidades de 70 y 80 km/h. Esto tuvo su repercusión en las zonas urbanas de la delegación sobre todo en la infraestructura eléctrica, edificios públicos, casas habitación. Con lo que respecta a la zona boscosa se vieron afectadas 3 mil hectáreas. El 8 de octubre de 2015, fue publicado en el Diario Oficial de la Federación el acuerdo por el que se destina a la Secretaría de Marina una superficie de 7 mil 361.67 metros cuadrados ubicado en Avenida 5 de Mayo número 324 en el pueblo de San Bartolo Xicomulco, con fines de resguardo de material naval. Representantes de la comunidad de Milpa Alta brindaron una conferencia de prensa en la Asamblea Legislativa del Distrito Federal, el 19 de noviembre del 2015, señalando la necesidad de conservar y respetar su territorio a fin que la legislación se acate, pues la Secretaría de Marina no ha entablado ninguna comunicación con los pueblos. Hasta el momento se suspendió la obra, no obstante, no podemos perder de vista la situación del bosque de Milpa Alta pues estamos hablando de un bosque de agua que es fundamental para la vida en esta.

**Alejandra Pérez Galicia -Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Azcapotzalco, México-
- Reconfiguración espacial turística en las periferias urbano-rurales. El caso de Xochimilco,
Ciudad de México.**

La expansión urbana hacia los pueblos periféricos ha sido abordada desde la formación de asentamientos humanos irregulares, la conformación de diferentes tipos de población, los procesos de urbanización sobre terrenos ejidales y comunales, las políticas sobre los usos de suelo, la prestación de servicios ambientales y la relación campo-ciudad, entre otros. En el caso de esta presentación se abordarán estas transformaciones como resultado de la actividad turística. La pregunta central de la investigación es **¿cuáles son los procesos urbano-turísticos que están**

propiciando la modificación del Suelo de Conservación de Xochimilco? Para ello, la investigación se dividió en una revisión histórica-contextual sobre la relación del turismo y Xochimilco, así como la evolución de las políticas públicas que han intervenido en esta dinámica. Un marco teórico-conceptual que va de la territorialidad del turismo a la implementación de estrategias desde los diferentes niveles de gobierno. Y, finalmente, con un trabajo de campo en el cual se realizaron entrevistas a profundidad con los diferentes actores que se involucran en el desarrollo de las actividades turísticas y conviven con ellas. En esta presentación se darán a conocer los resultados de esta investigación, así como algunas recomendaciones para el manejo del reordenamiento territorial por el turismo.

PALABRAS CLAVE: TERRITORIALIDAD DEL TURISMO, PERIFERIAS URBANO-RURALES, TURISMO PERIFÉRICO, XOCHIMILCO

MESA 6 - PATRIMONIALIZAÇÃO DE PAISAGENS NA AMÉRICA LATINA

Coordinadora: Dr^a Ilia Alvarado Sizzo -Universidad Nacional Autónoma de México, México-



Camilo Contreras Delgado -Colegio de la Frontera Norte-Sede Monterrey- - Paisaje y patrimonio industrial de Monterrey, N.L. Fragmentación urbana y manejo sin rumbo.

El proceso de desindustrialización y de relocalización industrial están dejando grandes áreas en los primeros cuadros de ciudades con un fuerte pasado manufacturero como Monterrey, N. L. Desde finales del siglo XIX y gran parte de la primera mitad del siglo XX apareció en Monterrey la gran industria (entre fundidoras, de bebidas y alimentos, de construcción, etc) que condujo la configuración del paisaje urbano del siglo XX. Algunas de esas fábricas, en tanto emblemas

históricos, son parte del paisaje cultural regiomontano. Sin embargo los restos de los muebles e inmuebles no han tenido una valoración y manejo claro y definido en las políticas públicas de urbanización. El propósito del trabajo es mostrar el devenir no sólo de esos sitios con valor histórico, arquitectónico y cultural, sino del paisaje al que confirieron un carácter industrial. Entendemos el paisaje y patrimonio industrial no sólo a la fábrica (elemento aislado), sino además al conjunto que incluye las áreas de reproducción social (vivienda obrera; centros de culto, ocio, educativos). En el trabajo se ensaya una tipología del paisaje-patrimonio industrial que subsiste en Monterrey y su área metropolitana.

PALABRAS CLAVE: PATRIMONIO INDUSTRIAL; PAISAJE INDUSTRIAL Y URBANIZACIÓN; PATRIMONIO E INDUSTRIA EN MONTERREY, MÉXICO.

Bárbara Kóvacs; Ana Santibáñez; Diana Zárate. -Instituto Politécnico Nacional- Análisis descriptivo del patrimonio paisajístico del Cerro del Chiquihuite, Área Metropolitana del Valle de México.

El tema de paisaje es de suma complejidad. Sería imposible describir la historia de los territorios sin la interpretación del patrimonio en la idea del paisaje. Éste último, representa la correlación entre el medio natural y el medio transformado. En este sentido, se enmarca el objeto de estudio del presente escrito: el Cerro del Chiquihuite (CdCH). Dicho territorio se ubica en la periferia sur de la Sierra de Guadalupe (SG), la frontera de la Ciudad de México y el Estado de México. El CdCH es un punto de referencia por dos aspectos fundamentales: sus antenas de telecomunicaciones y la declaratoria como Área Natural Protegida y como Zona Sujeta a Conservación Ecológica. La problemática que se presenta en la zona, reside en la necesidad de conservar el patrimonio paisajístico del CdCH. Sin embargo, el crecimiento urbano acelerado y los asentamientos humanos irregulares han provocado una fragmentación del paisaje en el territorio, que se ve reflejado en una ruptura en la conectividad con el Área Natural Protegida de la Sierra de Guadalupe. El objetivo del presente trabajo versa en una propuesta para el análisis descriptivo del patrimonio paisajístico del CdCH, ya que en la actualidad, no existe un estudio de este tipo. La hipótesis consiste en la suposición que el análisis descriptivo del patrimonio paisajístico del CdCH, será posible siempre y cuando exista una reflexión integral del paisaje que estudie la transformación del patrimonio paisajístico. Por lo tanto el constructo metodológico embarca un análisis descriptivo transdisciplinar con múltiples variables. Los resultados esperados nos proporcionarán un inventario sobre el patrimonio paisajístico del CdCH.

PALABRAS CLAVE: PATRIMONIO PAISAJÍSTICO, ANÁLISIS DESCRIPTIVO, CERRO DEL CHIQUIHUIE.

Jesús Mendoza Mejía -Universidad Nacional Autónoma de México, México- - La mirada en la construcción del patrimonio urbano. Una aproximación a los procesos de patrimonialización desde la práctica fotográfica en la Colonia Roma.

Las personas al fotografiar su entorno local, plasman las formas de apropiarse del espacio cotidiano que habitan; estableciendo valores frente a ciertos elementos culturales que están o no en el marco de la cotidianidad, generando procesos de patrimonialización y significación. A través del análisis de fotografías y el uso de la etnografía digital, se propone comprender la forma en la que se patrimonializan bienes y prácticas culturales desde los actores entorno a la colonia Roma, generando una nueva relación de los sujetos con su patrimonio cultural. En donde el peso de la monumentalidad y antigüedad de las casas habitación opaca prácticas inmateriales que no se conciben en la urbe. Ésta investigación se inserta dentro del Proyecto de Investigación de la Facultad de Filosofía y Letras “Construcción(es), Preservación y Salvaguarda del Patrimonio Cultural en Contextos Urbanos” de la Universidad Nacional Autónoma de México, realizada en el contexto de la colonia Roma.

PALABRAS CLAVE: PATRIMONIALIZACIÓN VISUAL, PRACTICAS FOTOGRÁFICAS, ETNOGRAFÍA DIGITAL DEL PATRIMONIO URBANO.

Diana Areli Zarate Angel; Pedro Lina Manjarrez -Instituto Politécnico Nacional, México- - Hacia una patrimonialización del paisaje en la zona “Xochimilco-Tláhuac-Milpa Alta” y el Parque Estatal “Lagunas De Xico”.

La presente investigación tiene como objetivo estudiar el paisaje en el polígono declarado por la UNESCO en 1987 como Patrimonio Mundial “Xochimilco-Tláhuac-Milpa Alta”, adicional al territorio ocupado por el Parque Estatal “Lagunas de Xico”. Para lograrlo, se parte de tres perspectivas fundamentales: los recursos culturales, recursos naturales y recursos visuales. Éstos últimos, son sujetos a la patrimonialización del área de estudio por su importancia en el imaginario colectivo de los pueblos originarios que en ellos se ubican.

Para lograrlo, se ha iniciado con la caracterización el área de estudio. Posteriormente, se identificarán los recursos paisajísticos de la zona y finalmente se utilizarán métodos como el análisis inferencial opinático para reconocer cuáles son los diversos recursos patrimoniales que la comunidad valora e identifica con mayor potencial para su conservación. Así el resultado esperado será la creación de estrategias que permitan conocer el estado actual del patrimonio paisajístico del territorio de estudio.

PALABRAS CLAVE: PATRIMONILIZACIÓN DEL PAISAJE, ANÁLISIS INFERENCIAL OPINÁTICO, ÁREA NATURAL PROTEGIDA

Adriana Dennise Rodríguez Blanco -Universidad Nacional Autónoma de México, México- - Perspectivas del turismo en el Barrio Mágico San Pedro Atocpan, en función de su condición como espacio periurbano.

El turismo ha tomado un papel protagónico en la economía de México, como lo constata el creciente número de programas gubernamentales que lo promueven; posiblemente el más importante de ellos sea el de Pueblos Mágicos. Sus bases excluyeron a la Ciudad de México, por lo que el gobierno de esta entidad creó en 2011 la iniciativa Barrios Mágicos Turísticos, replicando el modelo

federal. Se designaron 21 perímetros en el programa, debido a su *resistencia a la urbanización* y a su *fuerte identidad*; no obstante, del listado destaca el nombramiento de San Pedro Atocpan, una localidad periurbana que se desenvuelve como centro de distribución de materias primas y un incipiente referente gastronómico gracias al mole. La realización de trabajo de campo, en el cual se combinaron técnicas cuantitativas y cualitativas, se llevó a cabo en dos periodos diferentes, en temporada baja y alta, y sirvió para contrastar la información oficial y dar voz a residentes y visitantes. A partir de este trabajo, se distinguen tres posturas claras al respecto. Desde la posición académica, se encontró que las actividades ofertadas en la localidad pueden catalogarse como recreativas; desde la postura gubernamental, la prioridad resultó ser la promoción turística de cualquier destino que ofrezca una cualidad *única*. Por último, desde la percepción de los visitantes y lugareños, San Pedro Atocpan se construye no sólo desde una *mística* en torno al mole, sino también desde el sentido de pertenencia a la localidad, los lazos de fraternidad, la conservación de sus tradiciones y el hecho de que viven *diferente* del resto de la ciudad.

CONCEPTOS CLAVE: SAN PEDRO ATOCPAN, BARRIO MÁGICO TURÍSTICO, MOLE, ESPACIO PERIURBANO.

MESA 7 – CULTURA E NATUREZA FRENTE AO CAPITALISTA DO CAMPO NA AMÉRICA LATINA

Coordenador: Dr. Rodrigo Meira Martoni -Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil-



Fernando Luiz Araújo Sobrinho -Universidade de Brasília, Brasil- – Patrimônio cultural e natural em regiões produtivas agrícolas no Cerrado Brasileiro.

Em período de menos de 50 anos, o Brasil se insere como uma das maiores economias mundiais. A reestruturação produtiva da agropecuária implantou sistemas de objetos técnicos dotando o território de fluidez para a expansão do capital e aumento de participação da agropecuária no PIB nacional. A interiorização da urbanização intensificada pela criação de cidades como Brasília e Goiânia e a expansão do agronegócio voltado à produção de commodities desenvolve novas categorias de cidades e novas relações entre o campo e a cidade, bem como a destruição do patrimônio cultural e natural. O trabalho desenvolve análise destas transformações em três núcleos urbanos distintos: Burity (Minas Gerais), Rio Verde e Formosa (Goiás). A rede de cidades criada no Século XVIII e adensada a partir de políticas públicas de integração do território nacional no Século XX era caracterizada em sua maioria por cidades pequenas com população inferior a 50 mil habitantes. A chegada de migrantes, o uso intensivo dos recursos naturais com ênfase aos recursos hídricos, o esvaziamento demográfico do campo e o crescimento de cidades médias e articulação das pequenas cidades nas “regiões produtivas agrícolas” são elementos característicos da aceleração contemporânea e apresentam características comuns relacionadas ao abandono e destruição seletiva de seu patrimônio e a expansão de objetos e de novas formas de ocupação do território relacionadas aos capitais industriais e financeiros.

PALAVRAS CHAVE: RELAÇÃO CAMPO X CIDADE, PATRIMÔNIO, REGIÕES PRODUTIVAS AGRÍCOLAS, AGRONEGÓCIO.

Angélica María López Pérez; Francisco Guevara Hernández -Universidad Autónoma de Chiapas, México- – Estudio retrospectivo y actual del sitio tseltal em Tenejapa, Chiapas

El sitio familiar conocido como (huerto casero, huerto de maloca, huerto mixto, huerto casero mixto, huerto familiar urbano, patio, patio casero, solar) actualmente es el mayor proveedor de alimentos y otros satisfactores vegetales y animales para las familias indígenas y además es el mayor santuario de la agrobiodiversidad de México, también es el sistema de producción que más aporta a los mercados locales y regionales ya sea directamente por la venta de mayoreo y menudeo. El tipo de sitio y los cultivos se establecen en relación con las necesidades básicas y preferencias de las familias. Esto a su vez el tamaño del sitio depende del número de personas que integra la familia ya sea nuclear o extensa, que pueden establecer en pequeños espacios cercanos a la vivienda y de fácil atención. Los productos cosechados en estos pequeños espacios se reservan para las necesidades alimenticias en las diferentes temporadas de producción y además son espacios que se completan con otros productos de la parcela como las hortalizas, frutales, plantas comestibles, aromáticas y medicinales, así como huevos y carnes de especies menores. En las comunidades rurales, los sitios son parte de la rica tradición, que ha sido desde hace miles de años y transmitida de generación en generación en las diferentes culturas. Se presentan actividades distintas en tiempo, edad y género, tal es la participación familiar donde han habido procesos históricos que ha tenido el sistema agrícola de una área particular, en este sentido, la continuidad en el tiempo de los sitios pueden ayudar a explicar los cambios socioeconómicos y ambientales ocurridos en las sociedades. Desde mediados del siglo xx y a nivel mundial se ha producido una

perdida de diversidad agrícola o del número de variedades y especies cultivadas, y como consecuencia a traído cambios ecológicos, culturales y sociales. Esto ha llevado de una manera distinta de percibir la producción en las familias ya no solo se basa en satisfacer las necesidades básicas de alimentación, sino que en la actualidad la producción se orienta en un modelo de producción moderno o abandono del mismo, esta investigación se planteó como objetivo: Contribuir a la reconstrucción y revaloración del conocimiento local mediante la sistematización de información histórica y actual de aspectos productivos, sociales y culturales de los sitios familiares en la población tseltal de Tenejapa, Chiapas. Orientado sobre los impactos que originó la modernidad en las localidades para poder contribuir en la preservación y conservación de la cultura y biodiversidad. Esta investigación se realizó en el municipio de Tenejapa, Chiapas. Chiapas se localiza al sureste de México; al este con la República de Guatemala; al sur con la República de Guatemala y el Océano Pacífico; al oeste con el Océano Pacífico, Oaxaca y Veracruz-Llave. Tenejapa forma parte de la Región V Altos Tsotsil-Tseltal se caracteriza por tener una diversidad cultural resultado del devenir histórico, que corresponde a una población en su gran mayoría indígena rural. Además forma parte del sistema montañoso conocido como tierra fría, debido a que se encuentra en altitudes superiores a los 1800 msnm. La región cuenta con dos grupos étnicos sobresalientes: Tsotsil y Tseltal, quienes forman parte de la antigua cultura Maya y que en la actualidad siguen conservando sus costumbres y tradiciones, mismas que dan sustento a su cultura e identidad. El trabajo se realizó en dos localidades del municipio de Tenejapa, Chiapas, (ejido Las Manzanas cuenta con 350 habitantes, el paraje Tres Cerros con 1,228 habitantes (INEGI, 2010). La investigación se llevó a cabo bajo el enfoque cualitativo con la herramienta metodológica, Sistemas de Vida (SIV) y las 80 herramientas para el desarrollo participativo, que permitió obtener información social, cultural y productiva. Las herramientas utilizadas principalmente son: cédula comunitaria para obtener datos comunitarios y posteriormente las encuestas que permitió obtener datos de cada integrante de la familia, edad, género, empleo, tipos de producción, tipos de siembra, semillas, animales domésticos, y complementado con mapas, calendarios estacionales, diagramas históricos, líneas de tiempo y análisis estacional (Rodríguez & Zaragoza, 2014; Geilfus, 2002). Bajo este método se obtuvo información sobre la diversidad vegetal y animal, así como también la historia origen de las especies en las familias que tienen su sitio de producción. Como resultado de la investigación fue posible corroborar en las dos comunidades de estudio la importancia que tiene el sitio familiar como generadores de alimento para las familias tseltales además del reconocimiento y valoración de la existencia de este espacio de producción de vegetales y animales. Se basó en los porcentajes de riqueza vegetal y animal que tiene cada familia en el sitio de producción en las dos comunidades. En Las Manzanas, 20 familias que oscilan entre la edad de (20 a 40 años) son las que tienen más participación y que representan el 77.78% de riqueza vegetal y 66.04% de riqueza animal, en escolaridad 13 familias con educación primaria representan el 52% en riqueza vegetal y 42.59 % de riqueza animal con formado 12 familias analfabetas, en la clasificación por sexo se tiene que las mujeres que representan 22 familias tienen el 67.56% de riqueza vegetal y 62.26% de riqueza animal y finalmente el número de hijos es un indicador en este sistema de producción, 14 familias que tienen de 3 a 4 hijos son las que representan 44.89% y 50.94% mayor

riqueza vegetal y animal en el sitio de producción. Paraje Tres Cerros, 47 familias encuestadas de (20 a 40) años de edad son los que cuentan con mayor riqueza que representa el 65.30% y 81.82% de riqueza vegetal y animal, 37 familias con escolaridad primaria tiene el 48.40% en producción vegetal y 46.46% en riqueza animal, clasificación por género, las mujeres representan el mayor abundancia en su sitio, 52 familias tiene 71.71% de riqueza vegetal y 68.69% de riqueza animal y dentro del análisis el número de hijos de cada familia juega un papel importante en la producción, 29 familias con (3 a 4 hijos) tiene el 38.01% de riqueza vegetal y 61.61% riqueza animal. En el análisis de los porcentajes que se obtuvo de las variables, indica que en las dos localidades de estudio hay una continuidad en este sistema de producción basado en costumbres y arraigo cultural. Finalmente refleja que el sitio familiar es de mucha importancia en las dos localidades, destacándose que las plantas y animales tienen diversos usos y beneficios para las familias tseltales, el conocimiento tradicional ha hecho que las comunidades rurales encuentren una manera armónica de vivir y hacer uso de sus recursos sosteniblemente, así como de cultivar la tierra con variedades de plantas beneficiosos para ellos y el medio ambiente y finalmente coadyuve en la conservación de los suelos, las semillas y la biodiversidad vegetal para el futuro así mismo la preservación de la cultura y el conocimiento de la población local. Y aparte de otras actividades básicas en el ejido Las Manzanera su principal producción es la milpa y por factores climáticos en el paraje Tres cerros su actividad se divide en dos principalmente en la producción de café y milpa, complementado con la producción del sitio que también es fuente de su alimentación.

PALABRAS CLAVE: CONSERVACIÓN, SITIO, PRODUCCIÓN, CULTURA, CONOCIMIENTO

Uriel Martínez Ramírez -Universidad Nacional Autónoma de México, México- - La patrimonialización de los mercados públicos como agente gentrificador en la ciudad de México.

En la actualidad, los mercados públicos de la ciudad de México se han convertido en espacios importantes de transformación urbana. El gobierno a través de la exportación de planes y programas de recuperación de Europa, principalmente de España, ha colocado a los mercados públicos como espacios detonantes de procesos que reconfiguran el espacio urbano. La patrimonialización y turistificación de los mercados ha tenido impactos en la estructura física y en las relaciones sociales que los caracterizan. En este sentido, el trabajo analiza el papel que tienen los mercados como espacios de reunión, socialización y de resistencia a los cambios que se han generado a través de los proyectos de recuperación y por otra parte, a la transformación de los mercados como agentes que detonan otros procesos como la gentrificación, a través de la reconversión del espacio público, transporte y vivienda, como es el caso de La Merced y el Mercado Abelardo Rodríguez en el Centro Histórico.

PALABRAS CLAVES: PATRIMONIO, GENTRIFICACIÓN, MERCADOS, JURISTIFICACIÓN

Edilene Américo Silva; Fernando Luiz Araújo Sobrinho -Universidade de Brasília, Brasil- – Patrimonialização e afirmação cultural em Alexânia, Goiás, Brasil.

Em 1960 a cidade de Olhos d'Água no estado de Goiás, Brasil perdeu a condição de sede política a partir da mudança da sede municipal para a recém-construída Alexânia, às margens da rodovia BR-060, construída para interligar Brasília à cidade de Goiânia, capital do estado de Goiás. Olhos d'Água entra em período de estagnação e decadência. Desde esse evento, a comunidade local enfrenta processo de desarticulação e fragilidade de sua economia e esvaziamento demográfico. Olhos d'Água conservou uma economia de subsistência, as tradições culturais do interior goiano e dos povos habitantes do rural brasileiro. Porém, a partir da década de 70, por meio da Feira do Troca, conseguiu se projetar como resistência cultural. A ocupação da área data de 1941 e, atualmente, vivem no local cerca de 1.445 pessoas (2010). A partir de 1974, a escola local iniciou trabalho de resgate do patrimônio local e os artesãos mais antigos tornaram-se professores das crianças e jovens. Juntos, começaram a produzir produtos típicos da cultura local para a primeira feira que ocorreu no mesmo ano. O intuito maior foi trocar o que era produzido no campo por produtos da cidade e não se dava ênfase às vendas. A Feira do Troca considerada patrimônio imaterial local e o distrito se inserem em novas dinâmicas como o turismo. O casario e o modo de vida com forte relação com o rural atrai um número maior de visitantes. A turistificação de Olhos d'Água tem colocado em discussão a necessidade de fortalecimento local, bem como da preservação de seu conjunto arquitetônico.

PALAVRAS CHAVE: FEIRA DO TROCA, OLHOS D'ÁGUA, PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL.

MESA 8 - O CAPITALISMO E A PATRIMONIALIZAÇÃO DA VIDA NA AMÉRICA LATINA

Coordenador: Coordenador: Dr. Camilo Contreras Delgado -Colegio de la Frontera Norte, Monterrey, México-



Rodrigo Meira Martoni -Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil- - Aparência versus essência nos espaços apropriados pelo turismo: delineamentos possíveis a partir de distintos procedimentos epistemológicos.

O fenômeno do turismo, enquanto força produtiva, contribui para que atributos de sociabilidades e espacialidades sejam cada vez mais absorvidos como valores para a troca. Evidentemente, é por meio de processos concernentes à diferentes realidades que isso ocorre, o que equivale a dizer que o capital não alcança a todos os espaços da mesma maneira e intensidade. Mas, partindo do fato de que a dinâmica da mercantilização via turismo apresenta como tendência a disjunção e projeção de formas como se fossem totalidades, principalmente em realidades com “vantagens comparativas” (CHESNAIS, 1996), isso significa que a dimensão de essência é estrategicamente negligenciada enquanto totalidade de relações explicativas das causas socioespaciais. O presente artigo busca evidenciar os limites e desvios da persistência neopositivista como um dos mecanismos de manutenção do *status quo* pela exacerbação das formas, bem como chamar a atenção acerca das armadilhas do puro idealismo como episteme norteadora de procedimentos como o estruturalismo e a fenomenologia. A partir dessa discussão, se explica e se evidencia a urgência do Método Dialético sob bases referenciais do Materialismo Histórico, sendo este um procedimento epistemológico com possibilidades concretas de desvendar e esclarecer acontecimentos, projetos e relações que permeiam os espaços apropriados pelo turismo ao abarcar as categorias fundamentais (totalidade, mediação e contradição) no trato das categorias conformativas de cada objeto de estudo. Para além de suas contribuições na tarefa de desmistificar, ressaltamos que o método Dialético do Materialismo Histórico pode levantar tendências ao detectar contradições e, conforme relata Fernandes (1978, p.117), “acelerar, em determinadas condições e dentro de certos limites naturais, a própria transformação da realidade”.

PALAVRAS CHAVE: MÉTODO; EPISTEMOLOGIA; DIALÉTICA DO MATERIALISMO HISTÓRICO; TURISMO.

Fabián González Luna -Universidad Nacional Autónoma de México, México- - Patrimonio urbano y capitalismo cultural: una aproximación desde la renta cultural en las ciudades latino-americanas.

En los últimos 30 años de manera general las ciudades han experimentado una serie de transformaciones espaciales que se manifiestan tanto en sus prácticas materiales como en los patrones específicos de significación derivadas de dicha experiencia práctica, y esta praxis urbana está signada por la reestructuración del capitalismo en su fase de globalización, donde el proyecto neoliberal, entre otras cosas, ha implicado procesos de revalorización con base en la patrimonialización de la ciudad material e imaginada (o representada), dinámica cada vez más protagónica en las formas de producción, disputa, apropiación y uso de los espacios urbanos. Dentro de este contexto el principal objetivo de la ponencia es establecer principios teóricos que permitan aproximarse a una comprensión de los procesos de patrimonialización reciente en las

ciudades latinoamericanas por medio de los procesos de valorización espacial del capitalismo cultural, específicamente en la búsqueda de rentas culturales.

Para lo anterior en la primera parte se revisa el concepto de patrimonio y su vínculo con el capitalismo cultural, en la segunda parte se abordan las características generales de la patrimonialización en las ciudades latinoamericanas para, en el último apartado, discutir sobre el papel de la renta cultural en el desarrollo geográfico desigual.

PALABRAS CLAVE: PATRIMONIALIZACIÓN, CAPITALISMO CULTURAL, RENTA CULTURAL ESPACIALIZADA

José Manuel Ortega Herrera -Universidad Nacional Autónoma de México, México- - Actualidad de la teoría marxista de la Renta: el papel de los propietarios del suelo y los capitalistas en el ambiente construido de la ciudad.

Las problemáticas urbanas de uso de suelo, densificación, especulación de bienes inmuebles, carencia de servicios públicos (agua, drenaje, etc.), ordenamiento territorial, asentamientos irregulares, entre muchas otras, se presentan como manifestaciones de un proceso general de funcionamiento económico cuya especificidad se muestra en la ciudad. En este sistema urbano, los capitalistas y propietarios de los medios de producción buscan de manera incesante la ganancia bajo un régimen específico de división del trabajo y de propiedad. Sin embargo, los agentes económicos que operan en la ciudad cuyas actividades están relacionadas con el desarrollo urbano, sobre todo en lo concerniente a la edificación y transacción de bienes inmuebles y lo que de ello deriva, tienen especificidades en su funcionamiento productivo y circulatorio que es menester aclarar. La Teoría de la Renta Urbana, busca dar explicación y comprobación a los mencionados fenómenos; el artículo busca exponer los elementos más importantes de esta teoría, para tener una mirada crítica del funcionamiento del capital en la ciudad. Los principales elementos son el precio del suelo, los diversos capitales que participan en la actividad y el ambiente construido reflejado en el crecimiento de las urbes actuales.

PALABRAS CLAVE: CAPITAL, RENTA URBANA, PRECIO DEL SUELO, AMBIENTE CONSTRUIDO.

Washington Candido de Oliveira -Universidade de Brasília, Brasil- - Distrito Federal: uma convergência de interesses entre a esfera pública e a esfera privada do capital imobiliário e da construção civil.

A manutenção de uma área urbana tombada como Patrimônio da Humanidade implica que suas áreas lindeiras mantenham uso do solo pouco denso, de maneira a não pressionar o núcleo preservado. Em Brasília, para a manutenção do Plano Piloto como Patrimônio da Humanidade, instituiu-se um cinturão externo de proteção, a Área de Tutela do Bem Tombado do Plano Piloto de Brasília, na qual se pretendiam usos de baixa densidade e parques para controlar a densidade demográfica e evitar a especulação imobiliária. Não foi assim, entretanto, que ocorreu a ocupação da Área de Tutela. Os usos de baixa densidade foram sendo substituídos por usos residenciais

verticalizados, numa convergência de interesses entre a classe de média e alta renda, a esfera pública e a esfera privada do capital imobiliário e da construção civil. De certa forma, o Plano Piloto de Lúcio Costa já nasceu tombado. A Lei nº 3.751, de 1960 – Lei Santiago Dantas de 1960 –, no seu art. 38, estabelecia que “qualquer alteração no Plano Piloto, a que obedece a urbanização de Brasília, depende de prévia autorização em lei federal”. Note-se que as formas modernistas já preocupavam as autoridades na época em que Brasília foi inaugurada. Confeccionar uma legislação específica para o patrimônio histórico e arquitetônico de Brasília não foi fácil. No início da década de 1980, mais especificamente em 1981, criou-se um Grupo de Trabalho (GT-Brasília) com a finalidade de preservar o patrimônio histórico e cultural de Brasília. Para trabalhar nesse GT-Brasília, foram envolvidos especialistas do Governo do Distrito Federal, da Universidade de Brasília (UnB) e do Ministério da Cultura. A síntese dos trabalhos foi publicada em maio de 1985. Definiram-se três zonas de proteção e os testemunhos históricos para inscrever Brasília na lista do Patrimônio Mundial, a seguir: uma zona de proteção absoluta cobrindo o Plano Piloto de Lúcio Costa; uma zona TAMPÃO, onde predominam os espaços verdes; uma zona periférica, incluindo o Lago artificial e suas margens; e os testemunhos históricos do nascimento de Brasília, isto é, as cidades e o meio ambiente tradicional da periferia (Planaltina, Brazlândia e oito fazendas antigas), assim como os acampamentos de operários, vestígios da época da construção da capital (1957-1960). A proteção da Zona TAMPÃO, prevista no dossiê de nomeação segundo o GT-Brasília, contudo, não foi adotada nem foi incluída no Decreto nº 10.829, datado de 14 de outubro de 1987, emitido pelo Governador do Distrito Federal para a preservação do Plano Piloto de Lúcio Costa. Percebe-se que, ao longo da história de Brasília, cidade com estrutura espacial urbana planejada e previamente concebida por Lúcio Costa como plano urbanístico para ser a nova capital e tombada como patrimônio, tem no Governo do Distrito Federal, no setor imobiliário, no setor da construção civil e no próprio cidadão os agentes-atores que reúnem as competências para a produção do espaço urbano. Esse aspecto oferece, no Distrito Federal, campo amplo para investigação da participação do poder público e privado local como agentes-atores de formação e de transformação espacial do Distrito Federal. Da inauguração de Brasília aos dias atuais, o vetor migratório para o Distrito Federal gerou contínuo aumento da população urbana que, somado ao próprio crescimento natural, tem gerado a densificação urbana, fenômeno que promove o uso intensivo do solo e sua mudança de função de uso. Como resultado, tem-se a ocupação e verticalização do Guará – RA-X, área objeto deste estudo dentro da Área de Tutela do Bem Tombado do Plano Piloto de Brasília – RA-I. Desse modo, no Distrito Federal, esses problemas são, também, agravados em função de outras vulnerabilidades, tais como: a ameaça das áreas dispersoras de recursos hídricos, a susceptibilidade do solo à erosão, bem como as ações antrópicas sobre as áreas ecológicas de diversos tipos. Mas o que é, também, fundamental é o adensamento populacional na Área de Tutela do Bem Tombado, um exterior próximo, uma Zona TAMPÃO à área do tombamento do Plano Piloto de Brasília – RA-I. A preservação de Brasília pode ser assegurada por meio da chancela, que completaria o Tombamento. Por intermédio da chancela de Brasília há de se promover uma gestão sobre a área inscrita na Lista do Patrimônio Mundial da Humanidade que compreende a área tombada e seu entorno, neste caso a Zona TAMPÃO. Os limites desse entorno coincidem com o

contorno da bacia hidrográfica do Paranoá. Trata-se, na prática, de complementar a proteção da área tombada a ser preservada. No momento atual, o crescimento urbano faz-se em detrimento do meio natural e da qualidade de vida, seja em grandes metrópoles, seja em pequenas cidades, seja em áreas nobres ou em áreas carentes, e a Capital Federal não é exceção à regra. Os espaços são valorizados e apropriados pelas diversas classes de renda e os vários Planos de Ordenamento Territorial (POTs) não impediram que as áreas preservadas da cidade, e em especial a área do tombamento, fossem ocupadas e gerassem problemas ambientais de toda ordem. Embora Brasília tivesse sido concebida com vistas à criação de uma sociedade modernizada, a contradição mais visível em sua história está nas diferenças entre o plano e as suas realidades concretas, uma vez que construída revela-se, nas suas partes pormenorizadas, em algo diferente da cidade imaginada e planejada. Desse modo, é no urbano que ganha materialidade mais visível a condição geral de existência e de reprodução social empreendida pelos atores que a promovem – o Governo do Distrito Federal, o setor imobiliário, o setor da construção civil e o cidadão que anseia por morar bem e morar próximo dos centros urbanos que ofertam bens e serviços. Como elemento constitutivo do espaço, a cidade é produto desse processo social, e quando se considera que no espaço se produzem as relações de reprodução do capital, este é transformado em mercadoria, um anseio eterno do capital. Assim, esses agentes-atores são relevantes para justificar a problemática que se manifesta no urbano: o processo que acentua as relações de contradições socioespaciais. Esta temática assume importância na questão de reprodução do espaço, de reprodução do capital e na produção dos conflitos socioespaciais ditos citadinos quando verificamos a ausência de uma gestão satisfatória reguladora da controversa ação dos agentes que se apropriam do espaço citadino, produzindo em si e para si uma dita ‘crise da cidade’. Ao considerarmos que o espaço é produto de processo social e nele se reproduzem as relações de reprodução do capital, a cidade, como parte integrante do espaço, é transformada em mercadoria. Não obstante o setor imobiliário, o da construção civil e o próprio Estado assumem papel relevante nesse processo, contribuindo para acentuar as contradições socioespaciais ditas citadinas. Nesse sentido, este trabalho volta-se para a análise da produção do espaço, com enfoque sobre o papel desempenhado pelos setores imobiliário e da construção civil e pelo Estado e suas repercussões socioespaciais na Área de Tutela do Bem Tombado do Plano Piloto de Lúcio Costa, mais precisamente o Guará – RA-X, área foco desta pesquisa. Com isso, objetiva-se contribuir para que se compreenda qual a atuação do poder público, por intermédio do planejamento urbano, e do capital privado, por intermédio das construtoras e imobiliárias, na reconfiguração da Área de Tutela do Bem Tombado. Essa é uma questão considerável, basta ver as transformações em curso ao longo da Estrada Parque Taguatinga (EPTG – DF-085) redelineando um novo contexto socioespacial urbano. Nessa reconfiguração, o governo local tem uma participação para ser aclarada, reconhecida e assumida, uma vez que suas políticas promoveram o desenvolvimento urbano no DF.

PALAVRAS-CHAVE: PATRIMÔNIO. TUTELA. PRESERVAR. CAPITAL IMOBILIÁRIO.

Julie-Anne Boudreau -Universidad Nacional Autónoma de México, México-. “Hazme un paro”: Geografía de La búsqueda de protección de los jóvenes em La Ciudad de México.

En este artículo se busca estudiar la espacialidad y la urbanidad de las prácticas religiosas, con el fin de comprender mejor cómo dichas prácticas transforman la relación entre los ciudadanos y el Estado. Se intenta no solamente cartografiar esas prácticas ligadas a San Judas Tadeo o a la Santa Muerte, sino también posicionar el espacio urbano como un mecanismo central de la búsqueda de protección por la población. La idea es proponer una mirada diferente, de aquella que domina actualmente las políticas en materia de jóvenes y de seguridad urbana. Lo religioso, entendido como una forma de explicación de la realidad que no se apoya en la verificación empírica propia de la ciencia moderna, permite a los ciudadanos comprender su realidad de manera diferente que lo que sería a través del conjunto de relaciones de poder políticas y económicas. Desde el inicio de los estudios urbanos Simmel (1912) o Weber (1905) asociaron las prácticas religiosas a la complejidad social aportada por la modernidad. Estos sociólogos nos explican que la población trata de enfrentar el “desencanto” moderno que aporta la racionalidad burocrática y la adopción de actitudes de hartazgo. Para ello, los ciudadanos recurren a diferentes estrategias tales como la adaptación urbana de las prácticas religiosas. Los creyentes se comprometen en un pacto con el Santo, pidiendo su protección o servicios a cambio de un regalo, una ofrenda, una "manda". Estas prácticas marcan el paisaje urbano y están más concentradas en ciertas zonas. ¿Cuáles y por qué? Con base en una cartografía etnográfica de tres colonias de la Ciudad de México, la hipótesis general a explorar es que los jóvenes marginados no ven en el Estado un protector. La protección pasará primero por la visibilidad que tendrá, en el espacio urbano y sobre sus propios cuerpos, el marcaje territorial caracterizado por símbolos religiosos más o menos transgresivos.

PALABRAS CLAVE: RELIGIOSIDAD URBANA, MARCAJE TERRITORIAL, URBANIDAD

MESA 9 - PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL NA AMÉRICA LATINA

Coordinador: Dr. Alfredo Altamiro Enciso -Universidad Nacional Federico Villareal, Peru-



Neusa de Fátima Mariano -Universidade Federal de São Carlos, Brasil- - A Festa do Divino Espírito Santo no Brasil como patrimônio cultural.

Pensar a Festa do Divino Espírito Santo como patrimônio cultural imaterial nos leva a refletir acerca da diversidade da Festa, pois embora haja muitas formas de realizá-la, são recorrentes símbolos como a pomba branca e o vermelho da bandeira, a peregrinação, o mastro e a distribuição de alimentos. Com base em etnografias de Festas do Divino, relatos orais, registros fotográficos, além de pesquisas em fontes primárias e bibliográficas, busca-se um aprofundamento teórico sobre o significado desta tradição. No Brasil, as Festas do Divino realizadas em Pirenópolis (GO) e em Paraty (RJ) foram consideradas patrimônio cultural em 2010 e 2013 respectivamente, em função da singularidade com a qual elas se apresentam. Porém, tantas outras festas do Divino realizadas no país poderiam ser tratadas, por vários setores da sociedade, da mesma forma, ou seja, como tradicional e singular e, portanto, como patrimônio. Ao ser reconhecida como patrimônio cultural, estaria a dimensão popular da Festa se fortalecendo frente ao processo de urbanização e economia de mercado que tende a transformá-la em espetáculo? Qual a importância desse reconhecimento para a sociedade, sobretudo para a cultura popular? Como compreender a contradição da Festa como patrimônio? Acredita-se que a Festa do Divino representa uma forma de resistência da cultura popular, a partir do momento em que traz o sentido da utopia que se traduz na esperança pela emancipação da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: POPULAR; RESISTÊNCIA; TRADIÇÃO.

Denise Nunes Bacellar -Universidade de Brasília, Brasil- - Os sentidos da experiência da peregrinação para os andarilhos dos Passos de Anchieta.

O estudo tem por objetivo investigar os sentidos que a prática do ato de peregrinar tem para o sujeito que peregrina, tendo como palco uma peregrinação que reconstitui um caminho feito pelo santo jesuíta José de Anchieta, no Estado Espírito Santo - Brasil, no século XVI. A pesquisa qualitativa explora o sentido da peregrinação, apoiando-se na fenomenologia de Husserl e Merleau-Ponty. A metodologia integra dois instrumentos: uma etnografia e entrevistas semiestruturadas feitas entre 4000 mil participantes. Os resultados desvelaram que os sentidos da experiência estão relacionados à corporalidade e que os peregrinos compreendem o fenômeno atribuindo sentidos e significados em diversas modalidades expressivas que são como que encarnadas em experiências do vividas: sensações, percepções, direções, espiritualidade, religiosidade, pertencimento, sentimentos, espacialidade, paisagens, significados, em sentidos imanentes e transcendentais; em sentidos rituais, que podem comportar elementos metafóricos e de eficácia simbólica, às vezes acompanhada de efeito catártico. Concluímos que, sendo a experiência um veículo de expressão da crença, os seus sentidos e significados encarnados no corpo, não podem ser reduzidos à mera rede de articulações, estruturas e sons, mas, compreendidos como a plenitude expressiva do ser no mundo, em um

processo de comunicação com o mundo e respectivas derivações para a saúde psíquica dos andarilhos.

PALAVRAS CHAVE: PEREGRINAÇÃO - SENTIDO FENOMENOLÓGICO - TURISMO RELIGIOSO -TERAPIA DA PAISAGEM – PSICOLOGIA

Cristina Corona Jamaica -Instituto Nacional de Antropología y Historia, México-; Luis J. Abejz García -Universidad de Barcelona, Espanha- - Estrategias para un turismo sustentable incluyente en sitios patrimoniales y museos en la Ciudad de México.

En esta ponencia evaluaremos con una perspectiva de género e intergeneracional las fortalezas y debilidades de la planeación estratégica para un turismo sustentable incluyente en la Ciudad de México en donde se disputan los espacios públicos y privados, los derechos culturales y los derechos de los habitantes de los lugares patrimoniales. Nuestra investigación se basa en los análisis comparativos de algunos sitios patrimoniales y museos en donde se presentan flujos turísticos, y como ejemplos mostraremos el estudio piloto realizado en el Centro Histórico de la Ciudad de México, en Coyoacán, en el Corredor Cultural de Museos de Reforma, considerando algunos de sus museos y zonas arqueológicas vinculadas. Se pretende mostrar los estudios realizados de las diversas experiencias significativas de sus habitantes y sus visitantes siguiendo la metodología de la identidad de los visitantes (Falk, John); entrevistas semiestructuradas a diversos actores sociales y culturales; observación no participante y seguimiento de públicos (Wayfinding); y los sondeos a públicos a partir del Diagnóstico de Centralidad en los visitantes (Gándara, M.). Nuestra intención es mostrar de qué manera los dispositivos patrimoniales y museológicos pueden ser composiciones integrales en donde se le ofrezca al turista una gama de experiencias significativas urbanas considerando el género, las edades, clase social, diversidad cultural y los diversos niveles de conocimiento. En estas últimas décadas hemos visto cómo las grandes ciudades en todo el mundo se han visto amenazadas por su propio desarrollo y por un triple proceso de homogeneización, fragmentación espacial y privatización de sus espacios y servicios públicos que ha acabado por imponer un modelo de ciudad, dominante y dominador, que se halla más enfocado hacia la economía y la funcionalidad que hacia las personas. Frente a esta realidad, asociaciones cívicas y grupos vecinales, en algunas ocasiones con el apoyo de las instituciones públicas, han ido desarrollando diferentes estrategias encaminadas a la re-apropiación de la ciudad y de su patrimonio, intentando privilegiar la interacción de la diversidad social y cultural de sus habitantes y visitantes, y asegurar la intensidad del uso y la construcción de los espacios públicos con la finalidad de convertirlos en lugares más seguros, incluyentes y significativos. Sin embargo, el resultado de todo ello ha sido que, en la práctica, la ciudad se ha bipolarizado en torno a lo económico y a lo cívico, como si estas dos facetas de la vida urbana se correspondieran con dinámicas e intereses diferentes o, incluso, como si fueran aspectos antagónicos dentro de una misma realidad, generando así toda una serie de conflictos de coexistencia en el marco de una interacción de compleja solución, ante lo cual se requieren de unas respuestas que, inevitablemente, deben de ser construidas desde el más estricto de los consensos. En esta reflexión, la Ciudad de México es representativa de este proceso divergente

pues, al mismo tiempo que ha sabido convertirse en uno de los lugares más relevantes a nivel turístico, cultural e intelectual de México, manteniendo algunas de sus señas de identidad más características, también enmarca un amplio historial de conflictos de convivencia entre clases sociales y entre vecinos y visitantes por el uso, apropiación y disfrute de sus espacios urbanos. Esta ciudad es conocida por ser uno de los núcleos urbanos más grandes y poblados del planeta, y por padecer muchos de los problemas comúnmente asociados a este tipo de megaciudades: desarrollismo descontrolado, banalización del paisaje urbano, pauperización, desigualdad y exclusión social, delincuencia y gentrificación, por mencionar algunos. Sin embargo, cuenta también con una larga historia que arranca desde la época prehistórica, la época prehispánica simbolizada en su Centro Histórico, el Museo del Templo Mayor y el Museo Nacional de Antropología, y la vibrante cultura subalterna de su historia reciente a través de sus barrios. Entender la ciudad significa integrar su patrimonio cultural y natural en la vida cotidiana de los ciudadanos, salvando las barreras que históricamente han separado tanto el patrimonio de la sociedad en donde se halla como el patrimonio pasado del patrimonio presente, al dejar de ser manifestaciones aisladas y fosilizadas, dispuestas y expuestas en un marco “exquisitamente amortajado”, para situarlas de forma natural y armónica en las diferentes dinámicas y en el desarrollo de la ciudad, siendo ésta la mejor manera de protegerlo y de conservarlo. En este sentido, es importante señalar que frente a la construcción clásica del patrimonio como un acto de afirmación de lo propio e idiosincrásico de la nación, de lo “nuestro” en oposición con lo que se considera que pertenece a los “otros”, la posibilidad que un patrimonio nacional pueda ser definido como propiedad de toda la Humanidad y que se declaren medidas para su protección y gestión por parte de instituciones supranacionales como la UNESCO, se ha convertido en una clara intrusión de la comunidad internacional en las políticas culturales internas y en los intereses que pueden y deben de condicionarlas, amenazando por desbordar el control que, hasta la fecha, ejercen los estados - y sus ciudadanos - sobre lo que ellos pueden o no considerar como patrimonio, pudiendo incluso llegar a cuestionarlo. Asimismo, y no sin problemas, el Centro Histórico de Coyoacán ha conseguido conservar el relativo - aunque precario - equilibrio existente entre su paisaje urbano y el paisaje humano, motivo por el cual ha mantenido una cierta identidad como barrio. Es importante destacar este hecho pues “el barrio es, casi por definición, un dominio del entorno social puesto que es para el usuario una porción conocida del espacio urbano en la que, más o menos, se sabe reconocido”, al haber impuesto sus actos cotidianos en el uso habitual de ese espacio, permitiendo su “privatización” progresiva, es decir, asegurando la continuidad entre el espacio privado (la casa) y el espacio público en el sentido de apropiarse socialmente del mismo. Esta realidad es lo que le ha otorgado a Coyoacán la marca de autenticidad diferencial que ostenta frente al proceso continuado de homogeneización y de banalización del entorno que ha dominado en el resto de la ciudad, siendo un aspecto que es altamente valorado por los visitantes y, por lo tanto, es fundamental conservar. Por el momento, Coyoacán reúne todos los requisitos para ser considerado como un “sitio de patrimonio cultural” de excepcional importancia y, por ello, se ha convertido en un lugar de gran atractivo turístico, en un referente de ocio y de cultura tanto para el público local como para el nacional e internacional. De hecho, el espacio conjunto de la Plaza Jardín Centenario y el Jardín

Plaza Hidalgo es el segundo de estas características en cuanto al número de visitantes de todo el país, solo detrás de la Plaza de la Constitución (el Zócalo), en la misma Ciudad de México. Pero, ¿hasta cuándo podrá mantener esta situación privilegiada? ¿Cómo está afectando a sus habitantes ser uno de los focos turísticos principales de la ciudad y del país? ¿Es posible “morir de éxito”? ¿Qué tipo de visitantes disfrutan estos sitios patrimoniales? ¿Son diferentes las experiencias patrimoniales dependiendo del género y la edad?

Es indudable que la Ciudad de México, al mismo tiempo que destaca por sus particulares atractivos, también reúne gran parte de los problemas que aquejan a este tipo de espacios en todo el mundo, aunando los propios de ser un espacio urbano - con todas las problemáticas asociadas que ello conlleva y que comparte con el resto de los lugares patrimoniales en el mundo- al hecho de ser una ciudad que atrae un gran número de visitantes, cuya afluencia supone un gran impacto a nivel económico, medioambiental y socio-cultural, las causas y efectos del cual deben de ser identificados, valorados, cuantificados y, sobre todo, abordados sin demora con políticas públicas de turismo sustentable incluyente en donde se dialoguen las diversas instituciones locales y federales encargadas del patrimonio cultural considerando sus características por género y edad. En estos casos, ¿cómo podemos armonizar el desarrollo del turismo sustentable incluyente y, particularmente, del turismo de masas, con los diferentes intereses, a menudo contrapuestos, de los habitantes del lugar? ¿Cómo podemos conciliar el derecho que tienen los habitantes locales a disponer y disfrutar de sus espacios y de su patrimonio con los derechos que, indudablemente, sobre ellos también tienen el resto de los habitantes de la ciudad, del país e, incluso, de otros países? Como cualquier otro sitio de patrimonio cultural, la adaptación de la Ciudad de México, de sus sitios patrimoniales y museos a los diferentes públicos requieren de la elaboración de un proyecto integral que aúne la protección y conservación con la investigación, la exposición y la divulgación de los bienes culturales con las necesidades inherentes a la vida cotidiana de sus habitantes. La creación de rutas e itinerarios por el barrio y de las infraestructuras necesarias para los visitantes no debe de ir en detrimento ni de su uso por parte de los vecinos ni del desarrollo de sus actividades cotidianas. De otro modo, el conflicto está asegurado.

PALABRAS CLAVES: TURISMO SUSTENTABLE INCLUYENTE, SITIOS PATRIMONIALES, MUSEOS, CIUDAD DE MÉXICO.

Jefferson Vinco -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil- - Patrimonialização e Festivalização: processos atuais da produção do urbano histórico

Este trabalho visa elucidar as questões que envolvem os processos de patrimonialização e festivalização como parte integrante das atuais lógicas de produção do espaço urbano histórico. Para isso, pretendemos refletir sobre o atual sentido de “cultura” e “espetáculo”, a importância do patrimônio histórico, o processo de ressignificação dos lugares de história e de memória, a ascensão do chamado turismo cultural, as novas formas de gestão urbana pautadas no empreendedorismo cidadão, onde a cultura é reapropriada como um instrumento de valorização econômica. Além dos processos de cenarização e festivalização que são

fundamentais para compreender a produção do urbano histórico. Apresentamos o processo de festivalização como o vertiginoso processo que assalta o urbano através da realização de uma miríade de festivais de todas as ordens de grandeza, indo desde a exploração de festas clássicas, no Brasil, como o carnaval e festas religiosas, até os ditos atuais festivais culturais: de música, cinema, literatura, fotografia entre outros. Temos como objeto de análise a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), pois alcançou um importante *status* entre as principais festas literárias mundiais. Por fim, objetivamos construir uma reflexão que apresente a relações entre a patrimonialização global e o processo de festivalização como vetores de uma lógica que fragmenta e esfacela o espaço urbano, formando meros cenários e verdaderos parques temáticos de história, vazios de significado e sentido.

PALAVRAS-CHAVE: PATRIMONIALIZAÇÃO; FESTIVALIZAÇÃO; URBANO-HISTÓRICO.

Sandra Irais Romero Gallardo -Universidad Nacional Autónoma de México, México- - El Día de Muertos en Comunidades Ribereñas del Lago de Pátzcuaro. Apropiación y consumo turístico.

La Festividad de Día de Muertos se encuentra dentro de las tradiciones que son de interés turístico en México, se pueden detectar sus orígenes desde la época prehispánica gracias a los registros en códices y en las crónicas de la conquista; a partir de estos registros, es posible saber cómo es que ha cambiado la tradición por el paso del tiempo, y de manera más reciente, debido a dinámicas como el turismo. La presente propuesta, expone la experiencia recabada durante el trabajo de campo 2015 y 2016, en la región del Lago de Pátzcuaro. A lo largo de estos recorridos se aplicaron diversas metodologías orientadas a revelar la confluencia entre la cultura local y el turismo en el contexto del Día de Muertos. Durante la investigación se ha podido apreciar, por un lado, un rescate a la tradición por parte de algunas de las comunidades, a la par de la convivencia con el turismo mientras que, por parte del turista, la información que adquiere del Día de Muertos comienza a formarse desde su exposición a la publicidad que se genera alrededor de esta tradición, sin embargo, la percepción cambia de manera general durante la experiencia pero también a nivel local, dependiendo de la comunidad en donde se encuentre el visitante. Este intercambio discursivo se traduce en diferentes dinámicas territoriales que confluyen en un mismo espacio y tiempo.

PALABRAS CLAVE: PÁTZCUARO, GEOGRAFÍA DEL TURISMO, DÍA DE MUERTOS.

MESA 10: URBANIZAÇÃO E PATRIMÔNIO LATINO-AMERICANOS

Coordenador: Dr. José Alfonso Baños Francia -Universidad de Guadalajara, México-



Melisa Luciana Percara -Universidad Nacional Autónoma de México, México- - Transformaciones urbanas y su impacto en el patrimonio y paisaje urbanos. El caso de barrio Candiotti Sur en Santa Fe (Argentina) entre 2001 y 2013.

La presente se desprende de una investigación propia titulada *Valores ambientales y patrimoniales; edificación en altura y sustitución de usos. Transformaciones en el paisaje y el tejido urbanos en barrio Candiotti Sur, Santa Fe (2001-2013)*. Realizada en el marco de una Tesis de Grado de Arquitectura y Urbanismo en la Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo de la Universidad Nacional del Litoral en Argentina, llevada a cabo entre los años 2013-2014. Se aborda la coexistencia de dos procesos urbanos: proceso de consolidación y proceso de transformación. El primero ligado a lógicas conservacionistas de los valores ambientales, en el entendido de procesos consensuados y no estáticos del espacio, y el segundo ligado a lógicas del urbanismo capitalista, guiado por la economía de mercado. En el año 2001, Argentina sufre el punto de inflexión de una crisis económica y política a nivel nacional, que dio lugar a una reactivación económica que repercutió en el proceso de transformación natural de las ciudades. Donde el excedente monetario resultante del reajuste económico, que se re-direccionó hacia el sector de la construcción, modificó valores ambientales de determinados entornos urbanos, especialmente en sectores céntricos de las ciudades. En este sentido, se aborda el caso de barrio Candiotti Sur en la ciudad de Santa Fe (Argentina) en un periodo de 2001 a 2013, donde las transformaciones urbanas ocurrieron de manera armónica a lo largo de todo el siglo XX, siendo éste el período en el que el barrio se consolida. Sin embargo, es a partir de fines de ese siglo y principios del siglo XXI cuando un acelerado proceso de transformación urbana, ligado a mecanismos del urbanismo capitalista, pone en riesgo los valores ambientales (patrimoniales y paisajísticos) del lugar, provocado por la aparición de dos fenómenos: la edificación en altura y la sustitución de usos. Resultando en un problema socio-espacial: la superposición no armónica de los procesos urbanos de consolidación y transformación. Por lo que surge el interrogante de si, ¿es posible la coexistencia de manera armónica de ambos procesos urbanos (consolidación y transformación) en el barrio Candiotti Sur en Santa Fe (Argentina) de 2001 a 2013? La hipótesis que se sostiene es que son la ambigüedad y la superposición reconocida en la normativa la causa de la escasa armonía entre los procesos urbanos en estudio, ya que dificulta e interfiere en la preservación de los valores patrimoniales y

paisajísticos, regulando de manera no consensuada las modificaciones del tejido y el paisaje urbanos en el barrio Candiotti Sur. A partir de esto, el objetivo principal es reconocer cómo se manifiesta el conflicto entre los procesos urbanos de consolidación y transformación dada la coexistencia de intereses diversos y contrapuestos manifestados por los distintos grupos de actores involucrados, con el fin de determinar de qué manera podría articularse armónicamente la convivencia de los mismos y aportar ambos a la construcción de la ciudad. Los grupos de actores involucrados fueron: las entidades inmobiliarias, los habitantes del barrio y la entidad administrativa de la ciudad de Santa Fe. Llevar adelante estas cuestiones requirió de un estudio mixto, es decir, métodos cualitativos y cuantitativos. Basados en el registro sistemático y la cualificación del tejido y del paisaje urbanos del barrio Candiotti Sur en el periodo de 2001 a 2013 y el estudio de los instrumentos normativos de la ciudad de Santa Fe que involucra al barrio y con vigencia durante ese periodo. De este modo se aborda la problemática desde una perspectiva que abarca tres análisis particularizados: tejido urbano, paisaje urbano e instrumentos normativos, que quedan englobados bajo un análisis urbanístico. El cual permitió esbozar una propuesta de lineamientos de intervención, en relación al ordenamiento del paisaje urbano del barrio. El análisis del tejido permitió registrar las transformaciones urbanas resultantes de la interacción de la sociedad con el espacio. El análisis del paisaje permitió verificar cuál es la identidad y el carácter de ese paisaje en relación a sus elementos y el modo en que éstos lo definen. Y el análisis del corpus normativo vigente, para el período de estudio, permitió detectar los puntos de superposición y ambigüedad existente en el mismo. A partir de esto se obtuvo los resultados finales del análisis urbanístico. Se puede afirmar que el barrio posee valores ambientales particulares que deben ser preservados y que estos aportan a la identidad del mismo; y se clasifican en valores estéticos, simbólicos, de referencia y orientación y de buena calidad de vida. Que se diferencian dentro del barrio tres sectores que poseen características propias: límite Norte-bulevar Gálvez, interior del barrio y límite Sur-avenida L. N. Alem. Que se detectan ambigüedades y superposiciones en la normativa: mientras que por un lado claman por la preservación de los valores ambientales (patrimoniales y paisajísticos) del barrio, por el otro habilitan las transformaciones urbanas en el mismo de un modo que perturba tales valores. Esto, afirma que las transformaciones ligadas a la edificación en altura en Candiotti Sur alteran los valores ambientales que se reconocen en el mismo, ya que el mencionado proceso no coexiste armónicamente con las características tradicionales del barrio consolidado. Que son las ambigüedades y las superposiciones detectadas en la normativa lo que dificulta la convivencia armónica entre los procesos urbanos de consolidación y transformación, ya que éstas presentan discordancias y oposiciones en las maneras de ver y construir la ciudad. Finalmente se puede afirmar que en Candiotti Sur existe una gran puja de intereses por invertir en un barrio con características ambientales particulares y distintivas dentro de la ciudad de Santa Fe. En esa búsqueda, generalmente regida por intereses de mercado, muchas veces no se tienen en cuenta los valores particulares y se implantan objetos arquitectónicos que pretenden lograr una imagen urbana promocionada desde las entidades inmobiliarias. Así, el paisaje del barrio se convierte en representaciones de imágenes homogéneas que, al ser resultado de intereses que no consideran estas cualidades particulares, destruyen lo distintivo del barrio que fue lo que impulsó la inversión

allí, dando lugar a las innumerables discusiones entre los diferentes actores, cada uno en función de intereses. De lo anterior surge la posibilidad de dar una respuesta probable a la situación conflictiva detectada a través de la elaboración de una propuesta de redefinición de lineamientos de intervención, en relación al ordenamiento del paisaje urbano del barrio, que contribuya a lograr una convivencia armónica entre los procesos urbanos involucrados en el sector de estudio. Para ello se proponen una serie de herramientas desde las disciplinas que competen a este estudio, la arquitectura y el urbanismo, según tres ejes de intervención que resultan complementarios a las normativas; sosteniendo que algunos aspectos han sido dejados de lado o no han sido tratados correctamente por las normas y regulaciones y que merecen ser atendidos. Y luego se definen acciones concretas de intervención con el objetivo de contribuir al ordenamiento del paisaje. Los ejes de intervención son: reforzar la identidad barrial existente, contribuir a mejorar la calidad de vida en el barrio y definir los valores ambientales y patrimoniales que deben preservarse. Y las acciones concretas de intervención son: establecer medidas para las edificaciones, identificar los inmuebles que merezcan ser preservados y aquellos susceptibles de ser sustituidos, intervenir los espacios públicos de barrio Candiotti Sur, implantar vegetación, someter a los proyectos que se consideren necesarios a evaluación del impacto visual según autoridad competente, definir políticas de exención de impuestos y crear una instancia de revisión de la normativa que atañe a la problemática detectada, esclareciendo, en los casos en que existan superposiciones, cuál será la normativa que prevalezca. Finalmente, el aporte del estudio, resultante del análisis urbanístico y de la propuesta, es la posibilidad de entender a la ciudad como hecho urbano complejo que debe ser estudiado, abordado y proyectado teniendo en cuenta principalmente la forma urbana, entendida a ésta no sólo como la dimensión técnica y de operación de lote, sino como un conjunto que hace al espacio urbano un espacio compuesto y transformado por múltiples actores sociales que intervienen de manera directa o indirecta. Es decir, se reconoce que la transformación espacial, ya sea de conservación/preservación o de transformación urbana ocurre a partir de un proceso socio-espacial, en un tiempo específico y por actores sociales, individuales o colectivos, públicos o privados que poseen necesidades e intereses particulares sobre lo urbano. Por último, estudiar e investigar la ciudad a partir de un análisis urbanístico permite reflexionar que éste debe realizarse teniendo en cuenta no sólo las cuestiones de la propia disciplina, sino que además se debe trabajar con aportes de la sociología, la antropología, la geografía humana, entre otros, en términos multidisciplinares comprendiendo que los cambios físicos son antes que nada cambios sociales.

PALABRAS CLAVE: TRANSFORMACIONES URBANAS - PATRIMONIO - PAISAJE - INSTRUMENTOS NORMATIVOS - CANDIOTTI SUR

Laura De Bona; Manoel Lemes da Silva Neto -Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil- - Patrimônio, uso e projeto urbano: o caso da requalificação do Porto Maravilha.

Urbanistas trabalham sobre o existente, ou, antes, no projeto arquitetônico-urbanístico. Seja sobre a cidade consolidada, seja sobre áreas ainda não ocupadas. No caso de ambientes construídos, projetos urbanos incidem sobre as diversas dimensões espaciais – social, ambiental, patrimonial,

econômica –, mas refletem também intencionalidade do que se pretende atribuir a um dado ambiente. E muito se discute a respeito de como esses projetos de intervenção urbana se desenvolvem devido aos impactos sobre a população que reside nas áreas de intervenção e na lógica perversa que esse tipo de ação perpetua. Por definição, projeto pode ser compreendido como procedimento, ação técnica que busca materializar a concepção de mundo e ideal de futuro dos grupos de interesse envolvidos em sua execução. No caso de projetos de requalificação urbana, é possível identificar uma tendência a se construir um espaço livre dos conflitos que permeiam a vida cotidiana, embelezado, ordenado. Essa intencionalidade não é arbitrária: em princípio, na contemporaneidade, reflete a influência da globalização sobre o paradigma atual do planejamento do território como meio de consolidação das chamadas cidades-espetáculo. A globalização, regida pelo neoliberalismo e sua lógica produtiva, exige espaços voltados ao mundo transnacional. A busca por investimentos externos fomenta a “guerra dos lugares”, a “competitividade sem compaixão” que incita certa radicalização do alinhamento do projeto urbano às expectativas dos atores hegemônicos na arena global. Nessa prática, um instrumento largamente utilizado para atração desses investimentos é o chamado city marketing ou mesmo branding, que concentra as políticas públicas para viabilizar uma imagem favorável ao mercado e a consequente inserção da cidade no mercado das cidades globais. Por intermédio de diferentes processos urbanos – culturalização, patrimonialização, turistificação, entre outros – observa-se uma busca por projetar uma imagem de sucesso para a cidade, baseada em experiências internacionais consideradas como cidades vencedoras, que estabelecem os parâmetros a serem almejados. Desse movimento surgem narrativas de espaços sem conflitos, espetacularizados pela mídia, que, ao atenderem os parâmetros de qualidade de vida definidos pelo mercado global, difundem falsa noção de que aquele cenário representa a totalidade espacial de uma cidade, região ou, mesmo, de um país. Projetos de requalificação urbana comumente são implantados em áreas de valor histórico, que ao longo dos anos passaram de centralidades do cotidiano da cidade para áreas ociosas e degradadas pela mudança nos processos produtivos e, em especial, na divisão territorial do trabalho. Em se intervindo em um centro histórico, no entorno de um monumento ou em ambiente simbólico da cidade, é possível e provável que o projeto determine qual versão do passado será ressaltada pela forma na qual o patrimônio histórico edificado é considerado, o que permite materializar uma visão de mundo na construção de uma representação ideal do passado pertinente à imagem que se quer veicular, seja pela preservação, composição com outros objetos arquitetônico-urbanísticos ou, ainda, demolição desses bens. Entre outros elementos, intervêm, nesse processo, escolhas decisivas ao destino das cidades e dos agentes sociais direta ou indiretamente implicados na intervenção projetual: disponibilidade de infraestrutura já implantada; localização estratégica (em geral estão inseridas na malha urbana, como por exemplo, áreas centrais ou antigas zonas portuárias); patrimônio histórico edificado; e o baixo custo de aquisição de terrenos no entorno pela baixa procura. Esses projetos muitas vezes se tornam possíveis por meio de Operações Consorciadas (que constituem um “estado de exceção”, com regras próprias) e Parcerias Público-Privadas, onde a esfera pública impõe sua força na produção do território urbano com seus aparelhos institucionais e a esfera privada contribui com a viabilidade econômica dos

empreendimentos. O projeto que está sendo implantado na zona portuária do Rio de Janeiro (Brasil) é um exemplo interessante desse processo. O chamado “Porto Maravilha” – expressão que remete ao jargão “cidade maravilhosa”, que vem sendo cunhado desde o início do século XX pelas estratégias de planejamento urbano do município para a construção de uma marca global – foi estruturado a partir de exemplos internacionais que se tornaram referência do urbanismo contemporâneo, em especial a experiência de Barcelona na década de 1990. A área de intervenção de cinco milhões de metros quadrados engloba a antiga zona portuária da cidade, além de três bairros históricos. Dentre os fatores que viabilizaram esse projeto, destacase a realização de megaeventos como a Copa do Mundo em 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016, além de uma sintonia entre os governos municipal, estadual e federal que participam na Parceria Público-Privada responsável pela Operação Consorciada. A intencionalidade da intervenção é declarada: transformar a área de intervenção em um bairro de negócios, entretenimento e turismo internacional. O projeto engloba importantes obras públicas e empreendimentos imobiliários para adensar a região e criar um cenário favorável para investidores nacionais e estrangeiros. Não há grandes esforços declarados para preservar a população que atualmente reside na região ou integrá-la no processo de planejamento do Porto Maravilha, e os investimentos maciços que estão sendo realizados tendem a aumentar o custo de vida no local. Além desse caráter pouco inclusivo da população local, o próprio projeto foi elaborado voltado para o mar, independente do contexto urbano em que está inserido: a Praça Mauá concentra três grandes pontos turísticos – o Museu do Amanhã, o Museu de Arte do Rio (MAR) e o AquaRio, além de estar próxima ao ponto de desembarque dos cruzeiros transatlânticos. Os armazéns do antigo porto serão refuncionalizados, abrigando bares, restaurantes, lojas turísticas e espaços para eventos de grande porte, criando uma vasta infraestrutura turística. É importante ressaltar que a região englobada pelo Porto Maravilha era conhecida no início do século XIX como “Pequena África” devido à grande concentração de negros e vista como um espaço urbano rebelde, informal e perigoso. Abriga o cais do Valongo, por onde milhares de escravos foram trazidos ao país, foi berço do samba carioca junto à Pedra do Sal e palco de movimentos populares de grande impacto como as revoltas da vacina e da chibata. Dentro de uma riqueza histórica impar, observa-se que o valorizado pelo projeto são as edificações históricas que, após intervenções, refletem a contemporaneidade cênica do mercado global das cidades ao custo da instrumentalização do patrimônio histórico local. Pode-se dizer que, atualmente, a lógica de produção das cidades é conseguir inseri-las em um contexto globalizado, mesmo que para isso seja necessário a constante deformação da realidade através de campanhas publicitárias e a inculcação de valores que deformam o projeto do “sujeito coletivo”. A importação de estratégias de planejamento urbano e partidos arquitetônicos “universais” implica no apagamento das particularidades de cada local e o enobrecimento decorrente de investimentos maciços em determinado setor pode aprofundar desigualdades e a naturalização da segregação socioespacial. Apesar de trazer alguns benefícios, o número crescente de estudos que questionam a validade desse tipo de estratégia indica que é inadiável a concentração de esforços pertinente à busca de alternativas projetuais e de políticas públicas, setoriais e territoriais, em convergência aos projetos dos agentes sociais. A reflexividade em torno de ações políticas com a potência de inserção do

patrimônio no projeto urbano do ponto de vista dos interesses territorializados é uma urgência social. A espetacularização dos cenários construídos pela lógica global pode, e deve, ser revertido a favor do que Milton Santos definiu por “cultura da vizinhança”, que valoriza “uma economia territorializada, uma cultura territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada”.

PALAVRAS CHAVES: REQUALIFICAÇÃO URBANA, CITY MARKETING, PATRIMÔNIO, PORTO MARAVILHA.

Daniela Tovar Ortiz -Instituto Nacional de Antropología y Historia, México- - La Colonia Guerrero: la urbanización y sus valores patrimoniales.

La colonia Guerrero guarda una serie de características que la distinguen de las dinámicas que vive el Centro Histórico. Aunque esta colonia al igual que las colonias San Rafael, Santa María la Ribera, la Obrera o la Doctores se ubican en la periferia del Centro Histórico, un centro con oferta turística, tecnológica, cultural y económica de “primer nivel”; la Guerrero guarda valores que reafirman reconstruyen y configuran sus dinámicas sociales desarrollando sus propias características patrimoniales, las cuales se basan en su día a día. Sin embargo, en las últimas dos décadas la expansión de estos servicios en la colonia ha desatado una serie de acciones que paulatinamente construyen dinámicas parecidas a la vida cotidiana del Centro Histórico; y que, aunque el “desarrollo”, principalmente el de vivienda y de servicios como el metrobús ó la construcción de “viviendas a granel”, (que no corresponden precisamente a la lucha inquilinaria que se vivía previo y posterior a sismo), representan un plus que ha logrado eliminar los “estigmas” del siglo pasado, e incluso sumar nuevos vecinos, no oriundos de la colonia, los colonos continúan una fuerte lucha por seguir haciendo comunidad, empero, frente a estos procesos es meritorio reflexionar como se vive en la colonia y la forma en que los ciudadanos de la Guerrero, suman sus esfuerzos para construir su patrimonio fuera de la configuración institucional que define los patrimonios que se deben conservar. En este sentido, este trabajo pretende presentar una breve reflexión sobre los procesos de patrimonialización que construye una colonia con una memoria permanente de lucha por la vivienda, misma que es resultado del trabajo que construyó por más de un año el Seminario de Patrimonio Cultural en Contextos Urbanos de la Facultad de Filosofía y Letras de UNAM en la Colonia Guerrero.

PALABRAS CLAVE: CIUDADANÍA, PATRIMONIO, CENTRO, DESARROLLO.

Letícia Del Grossi Michelotto; Fernando Luis Araújo Sobrinho -Universidade de Brasília, Brasil- - Tendências atuais de urbanização das áreas periurbanas de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

O presente trabalho tem como objetivo analisar as tendências atuais da urbanização de áreas periurbanas da cidade de Uberlândia, MG, Brasil. Exemplo de cidade média, com aproximadamente 800 mil habitantes, tem sido retratada no tempo e no espaço por vários pesquisadores. Observando-se a área periurbana da cidade, percebe-se uma substituição do patrimônio natural, onde extensas áreas de cerrado vão cedendo lugar a novos loteamentos, como

também o aproveitamento de antigas sedes de fazendas para fins de turismo rural e restaurantes. Além da periferia, a zona central da cidade também foi palco de substituição do patrimônio histórico, onde casarões e jardins das décadas 1940, 50, 60, deram espaço à verticalização e comércio de luxo. A escolha do objeto de estudo e da área de aplicação se justificam pela atualidade da temática e pela dinâmica atual do espaço em transformação. O recorte temporal delimitado para essa pesquisa é de 2006 até final de 2016, período marcado pelo intenso processo de urbanização da cidade. Esse processo é tido tanto como similar no aspecto locacional quanto distinto pelo padrão e características habitacionais. Através de revisão bibliográfica sobre o crescimento urbano da cidade ao longo do tempo e trabalhos de campo, vimos que o processo não é resultado de pequenos construtores e proprietários de lotes, mas de grandes agentes imobiliários e do poder público, imprimindo no espaço uma produção em larga escala. Embora existam muitos estudos, ainda há necessidade de se aprofundar no estudo da dinâmica urbana de Uberlândia, inclusive pela rapidez com que as mudanças estruturais e funcionais estão em ação, principalmente no sistema viário e na refuncionalização do uso solo nas áreas periurbanas, provocando uma dispersão cada vez mais acentuada do território. Tais aspectos serão analisados nesse trabalho com intuito de traçar um panorama sobre a tendência de expansão urbana e também sinalizar alternativas de ordenamento territorial.

PALAVRAS CHAVE: EXPANSÃO URBANA; PERIURBANO; CIDADE MÉDIA; PATRIMÔNIO.

4. CONFERÊNCIA DE CLAUSURA

Dr. Luis Felipe Cabrales - Departamento de Geografia de La Universidad de Guadalajara-.
De La ciudad clerical a la ciudad laica: evolución del paisaje urbano em el centro histórico de La Ciudad de México.





De la ciudad clerical a la ciudad laica: evolución del paisaje urbano en el centro histórico de la ciudad de México. Luis Felipe Cabrales Barajas.

El proceso de desamortización de bienes eclesiásticos, alimentado por principios liberales tuvo un auge en México a mediados del siglo XIX. Uno de sus principales fundamentos jurídicos fue el *Decreto sobre desamortización de fincas rústicas y urbanas de las corporaciones civiles y eclesiásticas*, emitida el 25 de junio de 1856, generalmente conocido como Ley Lerdo. Sus impactos sobre la morfología urbana, supusieron el tránsito entre la ciudad clerical para dar paso en forma gradual a principios laicos. En estructuras urbanas fuertemente marcadas por la religiosidad, el paisaje evolucionó radicalmente puesto que se liberó suelo que se destinó casi siempre a otros usos e implicó atraer población residente y abrir nuevas calles que rompieron con las viejas estructuras y favorecieron la movilidad urbana. El centro histórico de la ciudad de México alojó al Convento de San Francisco, el más grande de América Latina, una verdadera ciudadela que contó con iglesia principal, 11 capillas y un huerto. Como resultado de la desamortización se fraccionó en 15 lotes. Hoy constituye un maravilloso ejemplo de paisaje híbrido, la lectura atenta de su paisaje permite identificar cambios, por ejemplo la presencia de la Torre Latinoamericana y la apertura de las calles 16 de septiembre y Gante y al mismo tiempo permanencias como la capilla de Balvanera, el claustro principal y la capilla de San Antonio que hoy aloja a la librería Juan José Arreola.

5. CLAUSURA DEL COLÓQUIO

Dr^a. Iliá Alvarado Sizzo -Investigadora del Instituto de Geografía / UNAM, México-.
Palabras de agradecimiento.

Dr. José Omar Moncada Maya -Investigador del Instituto de Geografía / UNAM, México-.
Palabras de agradecimiento.

Dr. Everaldo Batista Costa -Investigador de La Universidade de Brasília / UnB, Brasil-. A continuidade del proyecto – II CLUP -Universidade de Brasília – 2019- y publicación de La PatryTer Revista Latino-Americana de Geografía e Humanidades.



6-SALIDA DE CAMPO – CENTRO HISTÓRICO DE CIUDAD DE MÉXICO

Coordinador: Dr. Luís Felipe Cabrales – Universidad de Guadalajara

O **trabalho de campo** foi realizado no dia 25 de março, sábado, no centro histórico da Cidade do México, tendo início às 10h00. Esta atividade iniciou-se no Palácio de Bellas Artes, e foi coordenada pelo professor Dr. Luis Felipe Cabrales, da Universidad de Guadalajara - MX. A atividade contou com diversas intervenções do coordenador, assim como de demais professores e integrantes.



Logo após o trabalho de campo, houve um almoço de confraternização e fechamento das discussões, que ocorreu no Restaurante Sanborns Palacio de los Condes de Xala, localizado em Venustiano Carranza. Neste, além de agradecimentos pelos aprendizados e diálogos suscitados, firmou-se compromissos à continuidade deste importante debate que estravaza o universo acadêmico e se consolida na realidade social.



Apoio à organização dos Anais:

Universidades participantes:



UnB



ISBN 978-85-62810-04-6

Cidade do México - México

2017: anais